

CARTA DO
LIBANO

PAULISTANOS

de todos os cantos
refletem sobre São
Paulo, a metrópole que
chega aos 470 anos

RICARDO NUNES

**JOÃO CARLOS
MARTINS**

**ANTONIO PENTEADO
MENDONÇA**

SILVIA ANTIBAS

JOSÉ RENATO NALINI

JOSÉ ROBERTO MALUF

CAROL MALUF

LUCIANA SARGOLOGOS

ALI EL-ZOGHBI

**DOCTORA
ANGELITA
HABR-GAMA**

**UMA VIDA DEDICADA
À MEDICINA, COM
DETERMINAÇÃO,
PIONEIRISMO E POÉSIA**



Telefone
24 2102-8984

WhatsApp
24 2102-8984

www.nacionalinn.com.br
reservas@nacionalinnangra.com.br

Endereço: Estrada Das Marinas, 111, Praia do Jardim, 23907000 ANGRA DOS REIS

Solicite sua reserva diretamente com o hotel e garanta tarifas especiais!



Telefone
45 3301 1405

WhatsApp
45 9 9925 8924

www.nacionalinn.com.br
reservas@nacionalinnfoz.com.br

Rod. BR-469, nº8355, Bairro Cataratas Foz do Iguaçu - CEP 85853-866

CARTA DO LÍBANO

CARTA DO LÍBANO LTDA

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL
FOUAD NAIME
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE
DUSHKA E MAYU TANAKA - ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO
MARIO MENDES
MARCOS STEFANO Z. COUTO

FOTOS
AGENCE FRANCE PRESSE
TRATAMENTO DE IMAGENS
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 400,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

OBSERVAÇÃO AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO
DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR

FONE 11 5461.0089

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - CJ. 908
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000

WWW.CARTADOLIBANO.COM.BR



NOSSA CAPA
ANGELITA HABR-GAMA
FOTO
ERNESTO EILERS

EDUCAÇÃO, SAÚDE E CULTURA

Os imigrantes libaneses no Brasil em geral não tinham qualificações profissionais e geralmente não possuíam educação formal. A única língua que falavam era o árabe, mas trabalhavam arduamente para ganhar a vida no país adotado. Todos tinham algo em comum: a determinação de construir uma nova vida e a determinação de proporcionar uma boa educação para seus filhos. Não sendo eles próprios o produto da educação, perceberam a sua importância e garantiram que os filhos tivessem aquilo de que foram privados. Muitas dessas crianças tornaram-se médicos e pelo menos alguns alcançaram fama mundial, entre eles: Peter Medawar, Adib Jatene e Angelita Habr-Gama.

A doutora Angelita Habr-Gama é filha de imigrantes libaneses, Kalil Nader Haber e Nagibe Bechara Haber. Ela nasceu na Ilha de Marajó, no Pará, em 1933. Nesta edição, ela fala da vida longa e de uma carreira brilhante como médica, cirurgiã, pesquisadora e professora emérita, bem como das origens, família, trabalho, civilização, passado e futuro.

A menina que foi alimentada com leite de búfala e ia à escola de canoa tornou-se exemplo a ser seguido por gerações e uma notável personalidade científica mundial.

Em comemoração aos 470 anos da cidade de São Paulo, fizemos 5 perguntas para o prefeito Ricardo Nunes e outros nomes notáveis que vivem na capital paulista. Eles apontaram problemas e sugeriram soluções para a metrópole que não tem tempo para parar de crescer.

Também na edição, editamos um texto delicioso que viabiliza a trajetória literária de Amin Maalouf. Jornalista, viajou pelo Oriente e Ocidente e se estabeleceu em Paris, onde virou escritor de prestígio e sucesso. Hoje, secretário perpétuo da Academia Francesa, compartilha ideias e ideais com leitores do mundo todo.

Boa leitura!



FOUAD NAIME
EDITOR

FOTO: MARTA SANTOS

SUMÁRIO

ANO 28 · NÚMERO 199 · 01.2024

CARTA DO
LIBANO

06 | Capa DRA. ANGELITA HABR-GAMA

Do alto de uma vida longa e de uma carreira brilhante, a médica, cirurgiã, pesquisadora e professora emérita fala de origens, família, trabalho, civilização, passado e futuro. Com autoridade, conhecimento de causa e um pouco de poesia

20 | Cidade

Paulistanos de todos os cantos refletem sobre São Paulo, a metrópole que chega aos 470 anos

21 | Prefeito Ricardo Nunes

24 | Maestro João Carlos Martins

26 | Antonio Penteado Mendonça

Presidente da Academia Paulista de Letras

28 | Sílvia Antibas

Historiadora e vice-presidente da Câmara de Comércio Árabe Brasileira

30 | José Renato Nalini

Secretário de Mudanças Climáticas da Prefeitura de SP

32 | José Roberto Maluf

Presidente da Fundação Padre Anchieta

34 | Carol Maluf

Do terceiro setor

36 | Luciana Sargologos

Cirurgiã dentista e professora de Odontologia

38 | Ali el-Zoghbi

Professor e vice-presidente da Fambras

40 | Literatura AMIN MAALOUF

Nascido em Beirute, ele passou a infância e a juventude entre o Egito e o Líbano. Jornalista, viajou pelo Oriente e Ocidente e se estabeleceu em Paris, onde virou escritor de prestígio e sucesso. Hoje, secretário perpétuo da Academia Francesa, compartilha ideias e ideais com o mundo todo

48 | Sociedade LAR DRUZO BASILEIRO

Transmissão de um legado, auxílio ao próximo e o olhar em direção ao futuro marcam a trajetória e a força da instituição há 54 anos

56 | Mestrado

Há mais de cem anos a comunidade druzá está Brasil, ocupando seu espaço, mostrando sua força e fé entre imigrantes sírios e libaneses, sendo inclusive tema de tese de mestrado em universidade



06



40



56



21



ASSINE JÁ
E RECEBA
EM CASA

Nossa missão é resgatar nossa história, promover nossa cultura e valorizar nossa gente. Contribua com este trabalho assinando ou presentando com uma assinatura anual da revista Carta do Líbano. Agradecemos sua colaboração

NOME

E-MAIL TEL.

ENDEREÇO

CEP CIDADE ESTADO



Para tornar-se assinante, preencha a ficha acima e envie para a nossa sede Rua da Consolação, 323, conj. 908 - Cep: 01301-000 – São Paulo/SP ou para o nosso endereço eletrônico contato@cartadolibano.com.br

ASSINATURA ANUAL NO BRASIL R\$ 400 | ASSINATURA ANUAL NO EXTERIOR US\$500
DADOS PARA DEPÓSITO BANCO ITAÚ · AGÊNCIA 7307 · CONTA CORRENTE 97883-8

PERFIL

DRA. ANGELITA HABR-GAMA

“VIVEMOS NOS
UMBRAIS DE
EXTRAORDINARIAS
E DESAFIANTES
MODIFICAÇÕES!”

Do alto de uma vida longa e de uma carreira brilhante, a médica, cirurgiã, pesquisadora e professora emérita fala de origens, família, trabalho, civilização, passado e futuro. Com autoridade, conhecimento de causa e um pouco de poesia

POR FOUAD NAIME

FOTOS: ERNESTO EILERS & ÁLBUM DE FAMÍLIA



Nove décadas: A renomada cirurgiã em sua casa em São Paulo. “Viver não é gratuito. ‘A vida... o que ela quer da gente é coragem’, no dizer do livro ‘Grande Sertão: Veredas’, de Guimarães Rosa. Siga em frente”

São mais de seis décadas dedicadas à Medicina, como médica, cirurgiã, pesquisadora e professora emérita na área da coloproctologia. Publicou cerca de 260 artigos científicos e mais de 15 livros, além de colecionar 50 prêmios e distinções internacionais. O mais recente, a medalha Bigelow da Sociedade de Cirurgia de Boston, nos EUA, lhe foi entregue em novembro do ano passado - sendo a primeira mulher a receber a láurea desde sua criação, em 1916. Em março próximo, ela assume uma cadeira na Academia Paulista de Letras. Por isso, hoje aos 90 anos, a professora doutora brasileira Angelita Habr-Gama é não só uma referência como também uma notável personalidade científica mundial.

A Entre as contribuições em sua especialidade médica está a estratégia "Watch and Wait" (Observar e Esperar), método idealizado e proposto por ela em 1991, destinado a pacientes em tratamento de câncer de cólon e reto. Consiste em acompanhar muito de perto, com consultas e exames específicos frequentes, com potencial de evitar uma intervenção cirúrgica de grande porte, sendo uma alternativa ao tratamento cirúrgico radical. "Câncer não se vence, trata-se", resume a doutora.

Angelita publicou
cerca de 260
artigos científicos
e mais de
15 livros, além
de colecionar
50 prêmios

Nascida na Ilha de Marajó, no Pará, em 1933 - filha de imigrantes libaneses - a doutora Angelita veio morar em São Paulo com a família ainda criança. Boa aluna, surpreendeu a família ao optar pelo curso de Medicina - na Universidade de São Paulo - revelando que não pretendia seguir a trajetória destinada às mulheres de sua geração e classe social. "Eu queria muito mais", contou nesta longa entrevista exclusiva para Carta do Líbano.

Ela também falou sobre suas raízes libanesas e amazônicas, da dedicação ao ofício, da emoção ao conhecer a terra de seus antepassados, como foi enfrentar a Covid-19 - permaneceu entubada por 50 dias - e das coisas que ainda gostaria de ver neste mundo. Sobre tudo, a doutora Angelita falou sobre a vida. Pontuando suas respostas com palavras de autores e poetas favoritos: Dorival Caymmi, Khalil Gibran, Antonio Machado, Fernando Pessoa, Guimarães Rosa... E mandou um recado para as jovens que, como ela, querem mais: "Tudo vai dar certo".

CARTA DO LÍBANO: A senhora nasceu na Ilha de Marajó e é filha de imigrantes libaneses, unindo em suas raízes a cultura milenar libanesa e a força da natureza amazônica. Como isso influenciou a sua formação e a sua vida?

ANGELITA HABR: Meu pai, Kalil Nader Haber, nasceu em Beirute e minha mãe, Nagibe Bechara Haber, em El-Fourzol, perto de Zahle, ambas cidades libanesas. Ele chegou ao Brasil com dez anos e ela com dois anos de idade. Meus avós maternos, quando saíram do Líbano, tinham a intenção de morar nos Estados Unidos. Minha avó por estar com infecção ocular foi impedida de desembarcar em Marselha. Não desanimaram e decidiram vir para o Brasil onde também tinham parentes. Chegaram primeiramente no Maranhão e por não terem se adaptado ao clima mudaram para Belém do Pará. Ali permaneceram pouco tempo e foram para a cidade de Cachoeira do Arari, na Ilha de Marajó. Como é sabido a vida apronta surpresas e assim um olho mudou o destino da família Haber. Também por um erro ortográfico ocorrido no cartório da ilha, a letra "e" do sobrenome foi omitida, sendo registrado como "Habr". Meus pais se conheceram na ilha de Marajó e lá se casaram,



Raízes amazônicas: Infância na Ilha do Marajó. Leite de búfala e canoa até a escola (no alto). Os pais imigrantes libaneses: Nagibe Bechara Haber e Kalil Nader Haber chegaram ao Brasil ainda crianças. Tiveram sete filhos



Pioneira: Formatura na escola de Medicina da USP, nos anos 1950. Em seguida viria a especialização no St. Mark's Hospital, em Londres (no alto). Parceiros de vida: O casamento com o dr. Joaquim José Gama Rodrigues, em 1964

“Fui alimentada com leite de búfala. Ia à escola de canoa, atravessava os igarapés e admirava a beleza das vitórias régias”

ambos muito jovens e tiveram sete filhos. Por preocupação com a saúde dos filhos, mudaram-se para Belém. Devido à morte do filho mais velho, conseqüente à apendicite aguda, meu pai decidiu vir com toda família para São Paulo, cidade que já havia visitado e considerava muito promissora. Eu estava então com sete anos, quando, como diz a letra da música do inesquecível Dorival Caymmi: Pegamos um Ita no Norte e viemos para São Paulo morar. Tive a oportunidade de voltar à Ilha de Marajó há alguns anos e, ao visitar o túmulo de meu irmão, não pude deixar de pensar que sua morte, causadora de tanta tristeza, teria tido tamanha influência em minha vida. Do pouco tempo que vivi na Ilha de Marajó recebi muita influência. Fui alimentada com leite de búfala. Ia à escola de canoa, atravessava os igarapés e sentia o perfume e admirava a beleza das vitórias régias flutuando ao redor da canoa. Observava no final da tarde o grandioso fenômeno da pororoca. Tudo isso despertou em mim sentimentos de compartilhamento, de desafio, compreensão e respeito pelos eventos próprios da natureza e da vida através do diálogo ou da competição. Fui criança rebelde que não aceitava facilmente a interferência dos mais velhos. Gradativamente, não sem esforço, aprendi a adaptar-me, seguindo instintivamente o que filósofos como o inesquecível Gibran Khalil Gibran, que pregava: “Não é o mais forte que vence, e sim o que mais se adapta”. Este mesmo pensamento foi emitido por Charles Darwin, que chegou a referir que as bactérias são as grandes vencedoras na batalha da vida porque são os seres com maior capacidade de adaptação.

CARTA: Desde seus tempos de estudante a senhora optou por enfrentar preconceitos e barreiras que limitavam tanto a educação quanto a atuação profissional das mulheres. De

onde veio essa determinação e como a senhora vê hoje a sua trajetória?

ANGELITA: Nos idos de minha infância às mulheres eram designadas apenas tarefas do lar, o mister de cuidar, educar e transferir aos filhos as noções básicas da estruturação da sociedade. Como formação profissional, a elas era oferecida a de professora do ensino fundamental além do aprendizado da música, da costura, da dança como complementos. Em termos gerais, não se propunha acesso e busca de formação de tantas outras atividades laborativas que se mantinham reservadas tradicionalmente aos homens. Este desequilíbrio perdurou até muito recentemente. Neguei-me a aceitar a proposta preferencial de minha família visando preparar-me como professora, o que já havia acontecido e aceito, por duas irmãs mais velhas. Certamente havia desde então algum chamativo arraigado em meu intelecto que me conduziu à busca de conhecimentos e qualificação visando outras opções no elenco dos cursos universitários. Por conta da transferência de minha família para São Paulo, ainda no primeiro ano escolar, a morte de meu irmão foi determinante da mudança radical no rumo de minha vida. O convívio com professores e colegas, sobretudo durante os primeiros anos de minha formação, bem como durante o ensino em nível médio, deram-me oportunidade de nascer e amadurecer a vocação para o estudo da Medicina que na época era profissão reservada aos homens. Efetivamente enfrentei oposição psicológica de meus pais, porém, já naquela fase juvenil fiz ver na esfera da família, que minha tendência natural não era para o lar ou para ensinar crianças. Queria muito mais!

CARTA: O que a levou a seguir essa especialidade da medicina, a coloproctologia?

ANGELITA: Depois do período de residência em Cirurgia Geral e Cirurgia do Aparelho Digestivo,

na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, tive a oportunidade de assistir em São Paulo um Congresso Internacional de Coloproctologia. Conheci eminentes cirurgiões do famoso Hospital St. Mark's, em Londres. Ouvindo suas palestras entusiasmei-me muito e decidi ir para lá e seguir a especialidade. Concorri e consegui uma bolsa de estudos oferecida pelo British Council e pela CAPES. Entretanto, minha decepção foi grande quando, após as primeiras cartas solicitando o estágio, a resposta do reitor do hospital foi: "O St Mark's é um hospital para homens". Insisti muito enviando diversas cartas que acabaram concordando com minha ida e assim, tornei-me a primeira cirurgiã que lá se especializou. Aquela instituição foi um marco que mudou totalmente a direção de minha carreira. Tornei-me especialista, reconhecida e obtive títulos, prêmios e homenagens como nunca havia imaginado.

CARTA: Por ser uma pioneira em vários segmentos da sua profissão, a senhora diria que trilhou um caminho solitário?

ANGELITA: Trilhei entre os homens desde o curso médico quando eram poucas as alunas, bem como durante o período da residência e especialização em cirurgia. Seguiram-se muitas outras ocasiões

em eventos, congressos médicos quando também fui a primeira e única mulher participante. Sempre me senti confortável entre meus pares, pois tenho consciência de minha capacitação, energia, vontade de compartilhar e de ensinar. Meus colegas são meus amigos.

CARTA: Sendo uma das maiores autoridades mundiais em sua área, a senhora diria que ainda falta muito para a medicina conquistar um controle maior ou até mesmo a cura do câncer?

ANGELITA: O câncer é doença multifacetada em numerosos aspectos, tanto médicos como sociais. A busca da saúde, do bem-estar, é almejada por todos. As pesquisas sobre câncer são inúmeras e ininterruptas. Os progressos nos últimos anos foram vertiginosos. No século passado e no atual houve progressos notáveis. No conhecimento dos múltiplos fatores ligados à gênese, evolução, epidemiologia, formas diferenciadas de tratamento, nível educacional, controle dos hábitos de vida, de fatores ambientais, principalmente alimentares, combate ao fumo e tabagismo, com pesquisas ininterruptas quanto a novas drogas, quimioterapia, radioterapia, imunoterapia, terapia gênica, com espetacular aumento dos índices de cura do câncer. Do ponto de vista tecnológico, minha geração presenciou mais progressos do que os ocorridos durante toda a História. Presenciamos desde a generalização da comunicação por rádio, televisão, fax, até a atual revolução da informática, chegando até a Inteligência Artificial com suas vantagens e potenciais desvantagens. Seguramente nos próximos anos o crescente progresso tecnológico, científico, assim como maiores facilidades na realização de pesquisas e na divulgação de seus resultados, muito contribuirão para se chegar, senão à cura do câncer, porém ao aumento na sobrevivência. Quanto à longevidade, vivemos hoje em média 30 a 40 anos a mais que nossos antepassados nascidos há 100 anos. Câncer não se vence, trata-se.

CARTA: Como foi enfrentar a Covid e por que, em pleno século 21, ainda há tanto negacionismo em torno da doença, da pandemia e da eficácia da vacina?

“Vivemos hoje em média 30 a 40 anos a mais que nossos antepassados nascidos há 100 anos. Câncer não se vence, trata-se”

ANGELITA: Fui contaminada pelo vírus da Covid-19 possivelmente no período final de minha permanência em Jerusalém, onde participei do Congresso Internacional de Coloproctologia no final de fevereiro e início de março de 2020. Percebi que não estava bem alguns dias depois do meu retorno a São Paulo. Senti dores no corpo e tive febre. Fui ao Hospital Alemão Oswaldo Cruz, onde foi feito o diagnóstico. Piorei rapidamente com falta de ar, o que exigiu a feitura de traqueostomia e logo depois de entubação endotraqueal. Permaneci entubada por 50 dias. Não me recordo desse período, portanto nada sofri. Tenho certeza de que grande foi o sofrimento de meus familiares, amigos, colegas. Os antigos costumavam dizer que não há mal que não traga um bem; depois da doença que felizmente não me deixou sequelas, passei a entender melhor a vida e conviver com a morte, considerando-a sempre muito próxima e desfrutando todos os momentos com mais serenidade e compreensão. A doença me proporcionou um genuíno autoconhecimento, humildade perante a vida e a morte, entendendo que o tempo que nos resta importa menos do que aquilo que fazemos com ele. A Covid-19 acelerou em alguns anos a evolução digital em incontáveis instituições e influenciou relacionamentos, induzindo maior aproximação das pessoas. Quanto ao negacionismo em torno da doença e da pandemia não é fácil explicar tamanho é o disparate de não querer admitir a verdade. A vacina é eficaz e salvou número incontável de vítimas da Covid-19.

CARTA: A senhora visitou o Líbano e ainda possui laços com o Pará?

ANGELITA: Visitei o Líbano em companhia de meu marido Joaquim José Gama Rodrigues e de meus sobrinhos Maria Pia e Warwick Marcondes, depois de ter participado e proferido uma conferência no 1º

Congresso Mundial Europeu de Cirurgia, em 2018. O tema apresentado foi: "Designing Success Strategies for Organ Preservation", na cidade de St. Gallen, na Suíça. Estava tão perto, apenas poucas horas de voo até o Líbano, que não resisti ao desejo de visitar a pátria de meus antepassados. Lembrava de meu avô materno, Carlos Bechara, que costumava dizer: "No Líbano as uvas são mais doces, os damascos mais polpudos. Não tem país como o Líbano. O rio Jordão é imenso, o maior do mundo...". E por aí seguia. No Líbano a pessoa entra no túnel do tempo e retorna cinco, sete, oito mil anos de história, presente e passado juntos, um museu a céu aberto. A frase, lida no livro "Líbano um Oásis no Oriente Médio", de Roberto Khatlab, historiador e conhecedor de sociologia e arqueologia, ressoava em meus pensamentos durante o Congresso em Saint Gallen. Seguimos o meu desejo e fomos os quatro ao Líbano. Nos hospedamos no tradicional cinco estrelas da capital, o Phoenixia, próximo de Biblos, o porto de onde os fenícios – povo mercador por excelência - iniciavam suas incursões no Mediterrâneo. É de Khatlab a definição: "O Líbano é um pedaço do Brasil no Oriente Médio". Nosso primeiro destino foi Zahle, terra natal de minha mãe Nagibe. Daí para El-Fourzol, terra de minhas bisavós, e depois visitamos a lendária Baalbek onde vimos as ruínas fenícias do templo dedicado ao deus Baal e sua companheira Astarte. Esta foi a mais importante figura do panteão fenício, deusa da lua, da fertilidade, da sexualidade e da guerra. É citada igualmente na tradição hebraico-bíblica. Na ciclópica base de pedra, foram depois construídos os templos romanos dedicados a Vênus e Júpiter. As imensas rochas, algumas com 150 a 200 toneladas, pertencem a uma cultura antiquíssima, desconhecida. São considerados os maiores blocos maciços de pedra lavrada encontrados na terra! Mesmo aplicando os conhecimentos da tecnologia, ciência e engenharia

“Do ponto de vista tecnológico, minha geração presenciou mais progressos do que os ocorridos durante toda a História”

atuais, é um mistério como as pedras puderam ser cortadas, transportadas no lugar em que se encontram. Ficamos fascinados com o vale do Bekaa que integra o chamado Crescente Fértil, que era considerado o celeiro do Império Romano. Baalbek é um lugar repleto de lendas, mitos e interpretações. Visitamos o maravilhoso Museu de Baalbek, que está instalado junto ao templo de Júpiter e abriga esplendoroso acervo de objetos de grande significado arqueológico, pois ilustram aspectos de vários povos, de diferentes culturas que se fixaram na região desde os tempos pré-históricos. Visitamos também o Museu Nacional de Beirute, inaugurado em 1942, tragicamente bombardeado durante a Guerra Civil Libanesa e heroicamente restaurado nos anos 1990. Expõe-se ali outro acervo magnífico, que vai da pré-história ao período otomano, abrangendo fenícios, gregos, romanos, bizantinos, árabes, com milhares de artefatos de todos os tipos. Nas mostras funerárias, por exemplo, está a maior coleção de sarcófagos antropóides do mundo. Em Beirute passamos pelos rochedos à beira mar, visitamos cavernas que há cerca de 150.000 anos eram habitadas por hominídeos anteriores ao Homo Sapiens. Circulamos por estradas cheias de curvas nas duas cadeias montanhosas paralelas, os Monte Líbano e o Antilíbano. Subimos tanto que nos parecia estar entre as nuvens. E chegamos assim a um dos pontos histórico-turísticos mais cultuados, a região dos Cedros de Deus. O cedro do Líbano é árvore tão representativa que figura na bandeira do país. Existem mais de 300 espécimes com mais de 3000 anos de idade, e em alguns casos, com mais de 5000 anos. Na antiguidade, a madeira do cedro foi usada para construir navios e templos, e os hebreus a queimavam para celebrar o ano novo. Chegamos à cidade de Bisharri, onde nasceu Gibran Khalil Gibran. Considerado um dos maiores místicos do Oriente, foi homem que escreveu em duas línguas, árabe e inglês e rebelou-se contra as leis: “Não admiro as fabricadas pelos homens” dizia, defendendo uma sociedade pacífica e batendo-se arduamente pela modernização das ideias. Fiquei muito admirada com a região natal de Gibran descrita pela biógrafa Barbara Young como de uma beleza selvagem e desenfreada, que possui uma força imensa que impele a mente a digressões profundas sobre as palavras com que

descrevemos a “eternidade”. Em 1920 Gibran falou e escreveu: “Não pergunte o que seu país pode fazer por você. Pergunte o que você pode fazer para seu país”, slogan repetido por John Kennedy em seu discurso de posse para presidente dos Estados Unidos. Gibran sempre esteve à frente de seu tempo, unindo Oriente e Ocidente e fazendo aflorar uma nova busca para a espiritualidade, particularmente enfatizada em seu principal trabalho “O Profeta”. Nele, Gibran falava sobre a igualdade de gênero e de direitos das mulheres, sobre harmonia e tolerância entre religiões e nacionalidade e sobre corrupção de políticos. Com a viagem ao Líbano que, embora curta, foi riquíssima em conhecimentos e sentimentos, preenchi um vazio que existia em mim há muito tempo. Quanto ao Pará, tenho voltado algumas vezes para Belém para participar de eventos científicos sobre cirurgia e coloproctologia. É uma linda cidade, arborizada, encantadora com suas mangueiras, clima ameno onde a chuva ocorre de forma programada, quase sempre às tardes. Em uma das vezes em que lá estive por gentileza de um colega paraense, dono de avião próprio, tive a feliz oportunidade de visitar a ilha de Marajó e recordar alguns momentos preciosos de minha infância. Ainda temos parentes pertencentes à família Haber que moram em Belém e trabalham no comércio com joias.

CARTA: A senhora praticamente presenciou um século inteiro, como vê o momento atual no mundo e o que gostaria de ver ainda?

ANGELITA: Não sendo versada em assuntos de sociologia e política, expressei minhas expectativas sobre a evolução da humanidade, diante dos graves problemas atuais referentes à desigualdade social e postura belicosa em várias regiões do mundo, intolerância racial, taxas elevadas de desemprego, de mortalidade infantil, agressão social e ao meio ambiente. Gostaria de ver encaminhamento por parte das nações buscando ações efetivas para minimizar e superar estes tantos problemas que afligem a comunidade humana. É razoável reconhecer em termos gerais, a trajetória da humanidade com base nas informações da História, que vamos lentamente conquistando atitudes de cooperação mútua, de maior ênfase e respeito aos



Alma mater: O casal de doutores Joaquim José e Angelita, em frente à Escola de Medicina da USP, em 1998 (no alto). Professora emérita: Na cerimônia de entrega do título pelo CIEE



“Gostaria de ver prevalecer os princípios dos direitos humanos, oportunidade universal de acesso ao conhecimento e à saúde”

direitos humanos. Vivemos o momento crucial de explosão populacional, de exagerada agressão causada pelo ser humano ao globo terrestre com escassez das fontes de energia e de água, poluição dos rios e mares dentre outras. A humanidade necessita debruçar-se permanentemente de forma coordenada visando superar as várias ameaças à sua existência no planeta. Os extraordinários progressos científicos já de domínio das comunidades, permitem até mesmo elucubrar sobre a migração interplanetária e colonização humana em outros planetas, aliás já em sua fase incipiente. As presentes iniciativas caracterizam a comprovada capacidade de adaptação da espécie humana. Caberá a ela, perante os progressos tecnológicos atuais, dos já em desenvolvimento e dos vindouros, manter-se capacitada para seu melhor emprego e equilíbrio. É emblemático o caso da IA. Vivemos nos umbrais de extraordinárias e desafiantes modificações! Quanto à comunidade humana em sua fase evolutiva atual, entre várias outras expectativas, gostaria de ver prevalecer os princípios dos direitos humanos, oportunidade universal de acesso ao conhecimento e à saúde, ao trabalho e condições dignas de sobrevivência e da liberdade de pensamento e de opinião, a equidade total entre raças, gêneros, credos religiosos e desaparecimento de exploração infantil. Será entusiasmante presenciar a pacificação generalizada das relações humanas e de convivência das comunidades, aceitando as diferenças entre elas e, sobretudo, a generalização do sentimento e da ação efetiva de solidariedade entre os seres humanos.

CARTA: Aos 90 anos a senhora continua ativa, trabalhando, produzindo conteúdo, conquistando prêmios e reconhecimento. Qual a receita?

ANGELITA: Seguir a profissão certa, saber para

onde ir e chegar foi o privilégio com que a vida me brindou. Não existem ventos favoráveis para quem não sabe para onde ir. Ame seu trabalho. Quando se faz o que se gosta e o desempenha bem, o trabalho torna-se um hobby e não um fardo. Procurei desde o curso médico e residência, até a especialização e atividade profissional, dar o melhor de mim, lembrando muito do poeta Fernando Pessoa: “Sê todo em cada coisa. Põe quanto és no mínimo que fazes”. A minha receita é viver o presente intensamente, usufruir ao máximo o que o momento oferece, valorizar a vida, vivendo cada um dos dias como se fosse uma dádiva, tendo a consciência que a muitos ela é negada. Não faça nada em vão. Manter a saúde da mente e do corpo, ter um hobby, ser otimista e determinada. Como aponta o poeta espanhol Antonio Machado: “Caminhante não há caminho, o caminho faz-se ao caminhar”.

CARTA: O que a senhora diria para a jovem que deseja construir uma carreira profissional, atingir seus objetivos, porém continua ouvindo: “Isso não é coisa de mulher”?

ANGELITA: Aquilo que costumo dizer há muito tempo: trabalhe, estude muito e seriamente. Atenda e trate com gentileza seus doentes. Tenha em mente que “Ciência sem Consciência” é a ruína da alma, como bem enfatiza o médico, escritor e filósofo francês François Rabelais. Seja companheira de seus colegas. Respeite seus professores. Não aceite NÃO simplesmente. Siga em frente. Não leve a sério palavras desestimulantes. Dialogue! Lute! Resista! Viver não é gratuito. “A vida... o que ela quer da gente é coragem” no dizer de Riobaldo, no livro Grande Sertão Veredas, de Guimarães Rosa. Siga em frente. Não desanime. Tudo vai dar certo! Boa sorte! ■



Memórias: (no sentido horário) Com o editor Fouad Naime após a entrevista para Carta do Líbano. Recebendo o prêmio da Fundação Conrado Wessel. Em ação, com a equipe na sala de cirurgia. A vida contada em livro escrito pelo imortal Ignácio de Loyola Brandão

Tem sempre mais em
prefeitura.sp.gov.br/turista/chegamais

DESCUBRA A CIDADE QUE É UM MUNDO. DE TODAS AS TRIBOS E DE TODAS AS CORES.

São Paulo é
sempre mais
em gastronomia,
cultura, compras,
lazer e negócios.

Quem visita a cidade se encanta
com sua diversidade. Tem passeios
para todos os gostos: desde visitar
uma das catedrais mais famosas
do Brasil, passear pela Av. Paulista,
assistir a um concerto no Theatro
Municipal até se surpreender
com um parque que é um
verdadeiro polo de ecoturismo.

Vem pra São Paulo.
E fica mais, sempre mais.

📷 📺 📱 @prefsp



Acesse
o site da
campanha

Catedral da Sé



Theatro Municipal



Av. Paulista



Parelheiros – polo de ecoturismo



Chega mais.
Sempre mais.



CIDADE DE
SÃO PAULO

CIDADE

SÃO PAULO É UM AMOR!

Um político, um músico, um cronista, uma historiadora, um profissional do meio ambiente, um advogado e jornalista, uma empreendedora, uma dentista e um empresário reconhecem que sua cidade do coração não é simples, nem fácil. Mas também é encantadora, deliciosa, generosa e diversa como nenhuma outra no mundo. Sim, existem problemas e soluções para SP. Eles contam como e porquê



SÃO PAULO
470 ANOS
EM 5
PERGUNTAS

PREFEITO RICARDO NUNES

“MEU LUGAR
PREFERIDO
NO MUNDO”

Decidido a realizar uma gestão marcante e no páreo para um segundo mandato, o chefe do executivo declara seu amor à “cidade-país”

CARTA DO LÍBANO: De vila de jesuítas e indígenas a megalópole global. Aos 470 anos, o que faz São Paulo diferente das outras capitais brasileiras e grandes cidades do mundo?

RICARDO NUNES: Sou um apaixonado pela cidade de São Paulo! Essa cidade-país incrível, de 12 milhões de habitantes, que acolhe os que chegam e dá inúmeras oportunidades para todos que aqui nascem ou decidem ficar. Nossa cidade é diversa, com gente das mais variadas cores, raças e crenças. Isso é respeito. São Paulo é uma cidade com grandes populações de origem portuguesa, italiana, japonesa, espanhola e libanesa, entre outras. Pessoas que aqui chegaram com um sonho, se instalaram e ajudaram a construir um ambiente harmonioso de muito trabalho, paz e progresso.

CARTA: Para você qual o grande problema a ser enfrentado na cidade, considerando que temos eleições este ano?

RICARDO: Estamos agindo com transparência na busca por soluções. Eu não vendo ilusões. Na minha gestão existe uma equipe integrada e que trabalha muito, todo dia, o tempo todo para melhorar a qualidade de vida das pessoas. Diminuir a desigualdade social é um dos grandes desafios e, para isso, uma das nossas preocupações é com a geração de emprego e renda. Também estamos fazendo o maior programa habitacional da história dessa cidade com mais de 100 mil unidades entregues, em obras e contratadas até o final de 2024. Isso é transformar o sonho da casa própria em realidade e não apenas promessas que nunca

saem do papel. Temos também vagas de creche para todas as crianças. Dignidade e chance real de desenvolvimento cognitivo para nossa primeira infância. Em 2016, existiam cerca de 120 mil bebês e crianças à espera de uma vaga, nós zeramos essa fila e estamos mantendo zerada pelo quarto ano consecutivo.

“ Estamos agindo com transparência na busca por soluções. Eu não vendo ilusões ”

CARTA: O Centro de São Paulo tem solução? Como devolvê-lo aos paulistanos?

RICARDO: Nosso Centro é lindo. As pessoas não podem e não devem acreditar no que falam ou tentam vender de forma enganosa. Estamos com um projeto de revitalização a todo o vapor, edifícios antigos recebendo “retrofit” e ganhando novos usos; a Praça da Sé com excelente zeladoria e sendo aproveitada por famílias, principalmente aos finais de semana; muita coisa boa acontecendo. O problema da “cracolândia”, que persiste há 30 anos, está sendo enfrentado como nunca antes foi feito. Dos mais de 4 mil usuários/dia no perímetro, em 2015/2016, hoje



temos uma média de mil diariamente. Se todos os usuários aceitarem atendimento terapêutico para desintoxicação e reabilitação, temos vagas. Mas o poder público não pode obrigar ninguém a se tratar, por isso temos um trabalho consistente e ininterrupto em parceria com o governo do Estado que se baseia em três pilares: segurança com prisão para os traficantes, saúde com tratamento e internação, e assistência social com busca ativa diária para acolhimento. Tudo isso aliado a um trabalho de varrição, limpeza e retirada de lixo três vezes ao dia, além da requalificação dos espaços públicos em todo o entorno.

CARTA: Cite uma dor e uma delícia de São Paulo.

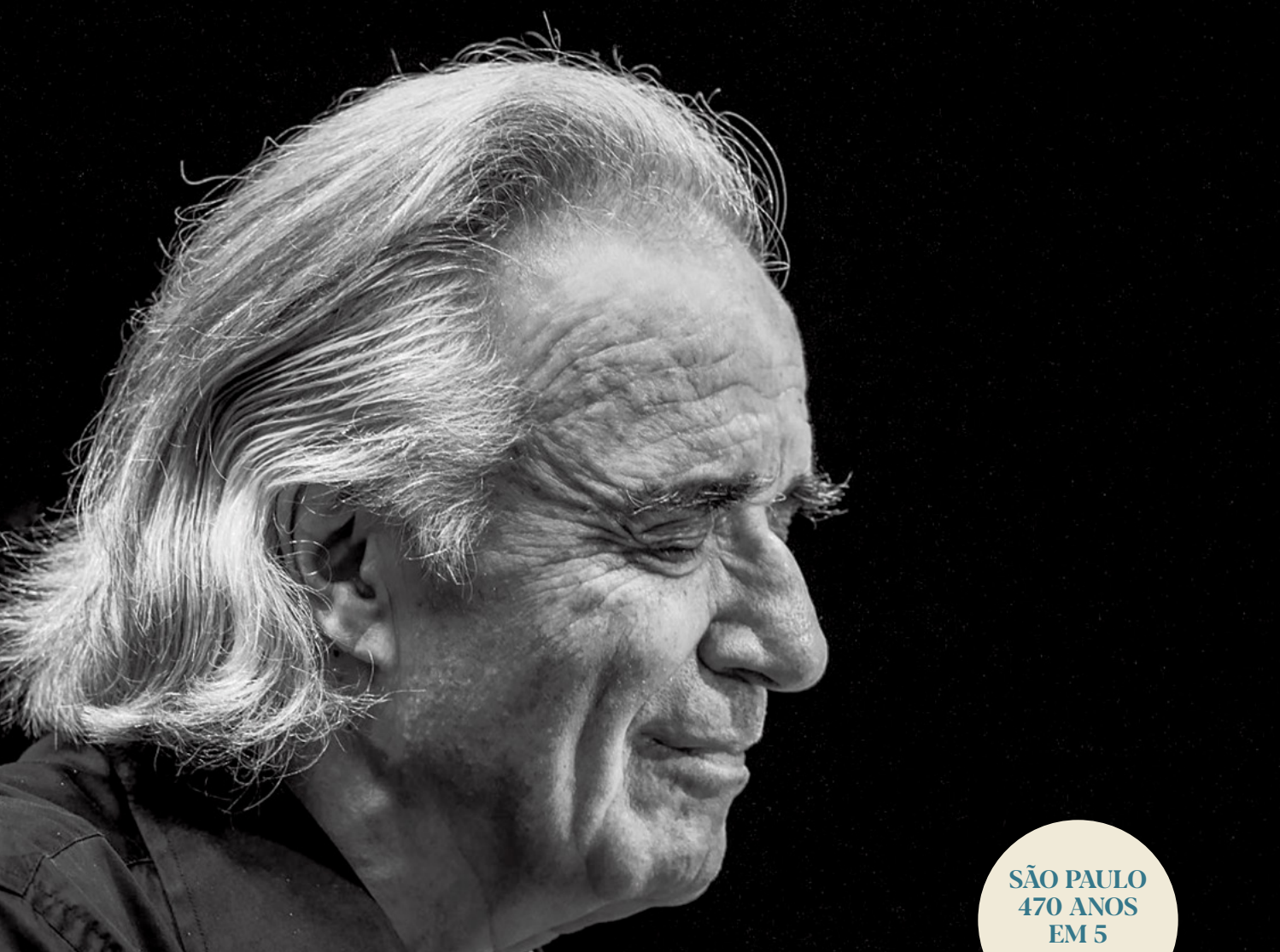
RICARDO: A delícia é ser prefeito dessa cidade para trabalhar incansavelmente pela dor dos menos favorecidos. A cidade tinha 3 UPAs

(Unidade de Pronto Atendimento) até 2016, hoje são 24, vou inaugurar mais dez até o final do ano que vem. Estamos fazendo a cobertura das quadras esportivas nas escolas para maior conforto dos nossos alunos. Desde a fundação da cidade, em 1554, até 2020, tínhamos 20 hospitais. De lá pra cá, Bruno Covas e eu inauguramos mais 10. Agora são 30 hospitais municipais. Faço questão de acordar muito cedo, ser o primeiro a chegar e o último a sair da prefeitura com a missão de encorajar uma grande equipe que tem como mantra a seguinte pergunta: “O que eu posso fazer hoje para melhorar a qualidade de vida das pessoas?”

“ Faço questão de acordar muito cedo, ser o primeiro a chegar e o último a sair da prefeitura ”

CARTA: São Paulo é uma cidade praticamente feita por imigrantes do Brasil e do mundo. Assim, há paulistanos do Rio, de Salvador, de Beirute, de Paris, de Tóquio, de Beijing... Você é paulistano de onde?

RICARDO: Sou paulistano do extremo da Zona Sul, com muito orgulho. Estudei em escola pública, utilizei a saúde pública, andei muito de transporte público e, por esse motivo, faço questão de tornar os serviços públicos cada vez melhores e com a mesma qualidade do privado. Temos 12 milhões de habitantes que nasceram aqui ou vieram de outras cidades, estados e países. Todos carregam alguma descendência. Essa união de misturas faz da cidade de São Paulo o meu lugar preferido no mundo. ■



SÃO PAULO
470 ANOS
EM 5
PERGUNTAS

JOÃO CARLOS MARTINS

MEMÓRIA E REVITALIZAÇÃO

FOTO: TOLEDO DO BRASIL

O maestro pensa a cidade em termos culturais, de preservação, acolhimento e combate à desigualdade. Para manter a harmonia e o compasso dessa grande sinfonia urbana.

CARTA DO LÍBANO: De vila de jesuítas e indígenas a megalópole global. Aos 470 anos, o que faz São Paulo diferente das outras capitais brasileiras e grandes cidades do mundo?

JOÃO CARLOS: É uma cidade que acolheu o Brasil de norte a sul, leste a oeste. Então realmente tem a capacidade de uma recepção com amor. Todos que vêm para São Paulo encontram seu lugar ao sol. Por outro lado, São Paulo também acolheu a maior parte da migração não só europeia como asiática de braços abertos. Esta é a grande diferença entre São Paulo e outras capitais do mundo.

“ Se o prefeito decidir partir para a revitalização do Centro, ele voltará a ter o papel que já teve um dia ”

CARTA: Para você qual o grande problema a ser enfrentado na cidade, considerando que temos eleições este ano?

JOÃO CARLOS: O primeiro grande problema é a palavra desigualdade, que pode ser observada

em São Paulo e no resto do Brasil. Com a diferença que em São Paulo sempre existe uma oportunidade. Infelizmente essa palavra faz parte do nosso cotidiano.

CARTA: O Centro de São Paulo tem solução? Como devolvê-lo aos paulistanos?

JOÃO CARLOS: O Centro de São Paulo sempre pertenceu aos paulistanos, o problema é a palavra “revitalização”. Então, a enorme atividade que existia, entre os anos 1940 e 1950, no Centro da capital, foi perdendo suas características, principalmente a cultural. Se o prefeito realmente decidir partir para a revitalização do Centro, ele voltará a ter o papel que já teve um dia.

CARTA DO LÍBANO: Cite uma dor e uma delícia de São Paulo.

JOÃO CARLOS: Uma dor é a preservação da memória da nossa cidade que, infelizmente, não atingiu os pontos que deveria ter atingido. São Paulo merece ter sua memória respeitada. Delícia é a palavra esperança, que em São Paulo jamais deixou de existir.

CARTA DO LÍBANO: São Paulo é uma cidade praticamente feita por imigrantes do Brasil e do mundo. Assim, há paulistanos do Rio, de Salvador, de Beirute, de Paris, de Tóquio, de Beijing... Você é paulistano de onde?

JOÃO CARLOS: Sou paulistano da cidade de São Paulo! ■



SÃO PAULO
470 ANOS
EM 5
PERGUNTAS

ANTONIO PENTEADO MENDONÇA

“A MOBILIDADE
SOCIAL PERMITE
TODOS OS
ENCONTROS”

FOTO: ESTADÃO

Presidente da Academia Paulista de Letras, o advogado e cronista chama atenção para o gigantismo da cidade e a diversidade de sua população que, segundo ele, “gerou um povo trabalhador, criativo, obstinado e invencível”

CARTA DO LÍBANO: De vila de jesuítas e indígenas a megalópole global. Aos 470 anos, o que faz São Paulo diferente das outras capitais brasileiras e grandes cidades do mundo?

ANTONIO PENTEADO MENDONÇA: São Paulo é uma cidade aberta, ou seja, desde 1532 recebe todos que querem transformar seu sonho em realidade. São Paulo não tem tabus, nem restrições. Todos são bem-vindos, desde que somem para o progresso da cidade. Desde sempre a cidade recebeu gente de todas as nacionalidades. A força feminina era a mulher indígena, mas os homens vinham de todas as partes, portugueses, espanhóis, judeus, alemães, ingleses, indígenas e negros. O paulista é fruto desse cadinho que gerou um povo trabalhador, criativo, obstinado e invencível.

CARTA: Para você, qual o grande problema a ser enfrentado na cidade, considerando que temos eleições este ano?

ANTÔNIO: O grande problema estratégico é o gigantismo da metrópole. O problema tático é o desafio da violência, ativa e passiva. São Paulo cresce há 500 anos e se espalha pelo planalto em uma das maiores áreas urbanas do mundo. A pergunta é: como administrar este universo? E a questão de curto prazo é como manter a ordem nesse universo.

CARTA: O Centro de São Paulo tem solução? Como devolvê-lo aos paulistanos?

ANTÔNIO: O centro de São Paulo tem solução. Aconteceu a mesma coisa em Londres, Nova Iorque e várias outras cidades do mundo. O fundamental é um plano suprapartidário que permita o resgate da área para outras finalidades, como habitação, cultura e lazer.

CARTA: Cite uma dor e uma delícia de São Paulo.

ANTÔNIO: A maior dor é a desigualdade social e uma delícia, o universo cultural oferecido pela cidade. Ao mesmo tempo que São Paulo é palco de histórias de sucesso, é palco da mais abjeta miséria. É indispensável aumentar as chances dos menos favorecidos através da educação, saúde e parcerias com a iniciativa privada.

“O centro de São Paulo tem solução. Aconteceu a mesma coisa em Londres, Nova Iorque” e várias outras cidades”

CARTA: São Paulo é uma cidade praticamente feita por imigrantes do Brasil e do mundo. Assim, há paulistanos do Rio, de Salvador, de Beirute, de Paris, de Tóquio, de Beijin... Vc é paulistano de onde?

ANTÔNIO: Sou paulistano com cinco séculos de São Paulo e do Rio Grande do Sul. Sou descendente dos fundadores de SP e meu avô Mendonça veio de Pelotas para São Paulo estudar Direito. Conheceu minha avó e fez sua vida aqui. São Paulo é isso, a mobilidade social permite todos os encontros. ■



SÃO PAULO
470 ANOS
EM 5
PERGUNTAS

SILVIA ANTIBAS

“UMA CIDADE
VIBRANTE,
TECNOLOGICA,
DIVERSA E
COSMOPOLITA”

Historiadora, a vice-presidente da Câmara de Comércio Árabe Brasileira, ela vê na união de indígenas, escravizados, migrantes e imigrantes a formação da metrópole única e cheia de contradições

FOTO: CCAB

CARTA DO LÍBANO: De vila de jesuítas e indígenas a megalópole global. Aos 470 anos, o que faz São Paulo diferente das outras capitais brasileiras e grandes cidades do mundo?

SILVIA ANTIBAS: Sem dúvida, o que faz São Paulo diferente das outras capitais brasileiras foi a chegada, em grandes levas, de imigrantes e migrantes. Em meados do século XIX e início do século XX houve um movimento migratório mundial, resultado de fatores convergentes - econômicos, demográficos, políticos e religiosos - que contribuíram para que milhões de pessoas se deslocassem de seus países para tentar a vida em outros territórios, buscando oportunidades de maior segurança e paz, além de melhorias na vida. E São Paulo fez parte desse roteiro. Seja através de programas oficiais ou de movimentos espontâneos, milhares de imigrantes da Europa, da Ásia e Norte da África aqui chegaram. Não podemos deixar de mencionar os negros africanos que há muito tempo já se encontravam por aqui, traficados de maneira abominável. Esses trabalhadores estrangeiros e os escravizados - além dos povos originários que aqui habitavam antes da chegada dos portugueses - e outros brasileiros vindos de outros Estados atrás de novas oportunidades, fizeram da cidade - e do Estado de São Paulo - um grande caldeirão cultural, responsável pelo crescimento de uma cidade única, vibrante, tecnológica, diversa e cosmopolita.

CARTA: Para você qual o grande problema a ser enfrentado na cidade, considerando que temos eleições este ano?

SILVIA: Essa grande atração que a cidade exerceu sobre cidadãos brasileiros e estrangeiros foi para o bem e para o mal... A cidade se desenvolveu vertiginosamente, sem planejamento. Convivemos com o que há de melhor e pior... desfrutamos do luxo e do lixo... temos ilhas de grande desenvolvimento e inovação e população de rua. A cidade de São Paulo é maior que muitos países do mundo! Tem um dos maiores orçamentos do país. É um desafio para qualquer gestor. Como administrar esse aglomerado com contradições tão evidentes? O capitão desse grande transatlântico tem que pensar um pouco

em tudo, ter uma sensibilidade voltada para temas contemporâneos, muito além da educação, saúde, transportes e justiça. Atualmente, temas como bem-estar, meio ambiente, cultura e diversidade devem ser trazidos para discussão e fazer parte do leque de preocupações do futuro prefeito. Não consigo definir um único problema a ser enfrentado na cidade. A gestão deve ser macro, profissional e sensível ao mesmo tempo.

CARTA: O Centro de São Paulo tem solução? Como devolvê-lo aos paulistanos?

SILVIA: Acho que o Centro de São Paulo, como em várias cidades do mundo, tem uma vocação turística, com rico patrimônio histórico, cultural e gastronômico. É uma região extremamente interessante, atrativa, que pode ser visitada e interpretada sob diferentes vieses. Várias iniciativas turísticas, equipamentos culturais e centros de gastronomia estão disponíveis e ativos na área e isso é muito positivo. Atrai todos os públicos da cidade e de fora, nacionais e estrangeiros. Há necessidade, no entanto, de mais incentivo ao restauro de edificações históricas para que atividades de lazer e cultura possam funcionar com segurança, conforto e acessibilidade. Mais políticas públicas que facilitem parcerias entre poder público e iniciativa privada são soluções que já deram certo em grandes cidades do mundo.

CARTA: Cite uma dor e uma delícia de São Paulo.

SILVIA: Nada mais “dor” que famílias morando na rua. Delícia é comer pão francês quentinho na padaria, mas sinto falta de um kibe de bandeja da minha saudosa tia Ivete.

CARTA: São Paulo é uma cidade praticamente feita por imigrantes do Brasil e do mundo. Assim, há paulistanos do Rio, de Salvador, de Beirute, de Paris, de Tóquio, de Beijing... Você é paulistana de onde?

SILVIA: Sou de origem síria-libanesa, com muito orgulho! Adoro esta cidade, sou paulistaníssima, nascida no Paraíso. ■



SÃO PAULO
470 ANOS
EM 5
PERGUNTAS

JOSÉ RENATO NALINI

“SÃO PAULO É
UM VERDADEIRO
MILAGRE”

Paulistano de Jundiaí, o secretário de Mudanças Climáticas da Prefeitura de SP, vê uma cidade, complexa cosmopolita e, como metrópole global, se engajando cada vez mais nas mudanças climáticas

FOTO: MARCUS LEONI/FOLHAPRESS

CARTA DO LÍBANO: De vila de jesuítas e indígenas a megalópole global. Aos 470 anos, o que faz São Paulo diferente das outras capitais brasileiras e grandes cidades do mundo?

JOSÉ RENATO NALINI: São Paulo é a mais complexa e cosmopolita conurbação do planeta. A maior cidade italiana fora da Itália, congrega milhões de seres humanos que convivem numa insólita harmonia. Parece incrível que esses milhões acordem, se locomovam continuamente, se alimentem, trabalhem, se extenuem, mas também se divirtam e consigam chegar a seus lares ao final do expediente. Apesar de submetida a fenômenos extremos, a cidade não para de funcionar. E pelo número de habitantes e de visitantes, a ocorrência de episódios insólitos é reduzida. São Paulo tem uma irreprimível vocação para a resiliência. Sobrevive, chora, mas também se alegra e é o lar para pessoas de todas as idades, de todas as proveniências e origens, de todas as raças, de todos os biotipos, crenças e culturas. São Paulo é um verdadeiro milagre.

CARTA: Para você qual o grande problema a ser enfrentado na cidade, considerando que temos eleições este ano?

JOSÉ RENATO: São Paulo foi a primeira cidade brasileira a se preocupar com as mudanças climáticas, a maior ameaça à humanidade e que não tem sido encarada com seriedade por todos os governos e pela maior parte da sociedade. Procurar mitigar as consequências das profundas e graves mutações causadas pela insensata ação humana deve ser a maior preocupação de todos os paulistanos. O PANCLIMA é o testemunho de que a gestão paulistana se motivou a coordenar esforços para que os mais variados setores governamentais e da sociedade civil possam enfrentar de forma adequada e coerente, o que os próximos tempos nos reservam. Levar essa conscientização a todos os habitantes, a partir do alerta às crianças e jovens, geralmente mais sensíveis à causa ecológica, deve ser o desafio em 2024 e nos anos a seguir.

CARTA: O Centro de São Paulo tem solução? Como devolvê-lo aos paulistanos?

JOSÉ RENATO: Tem solução e ela depende do

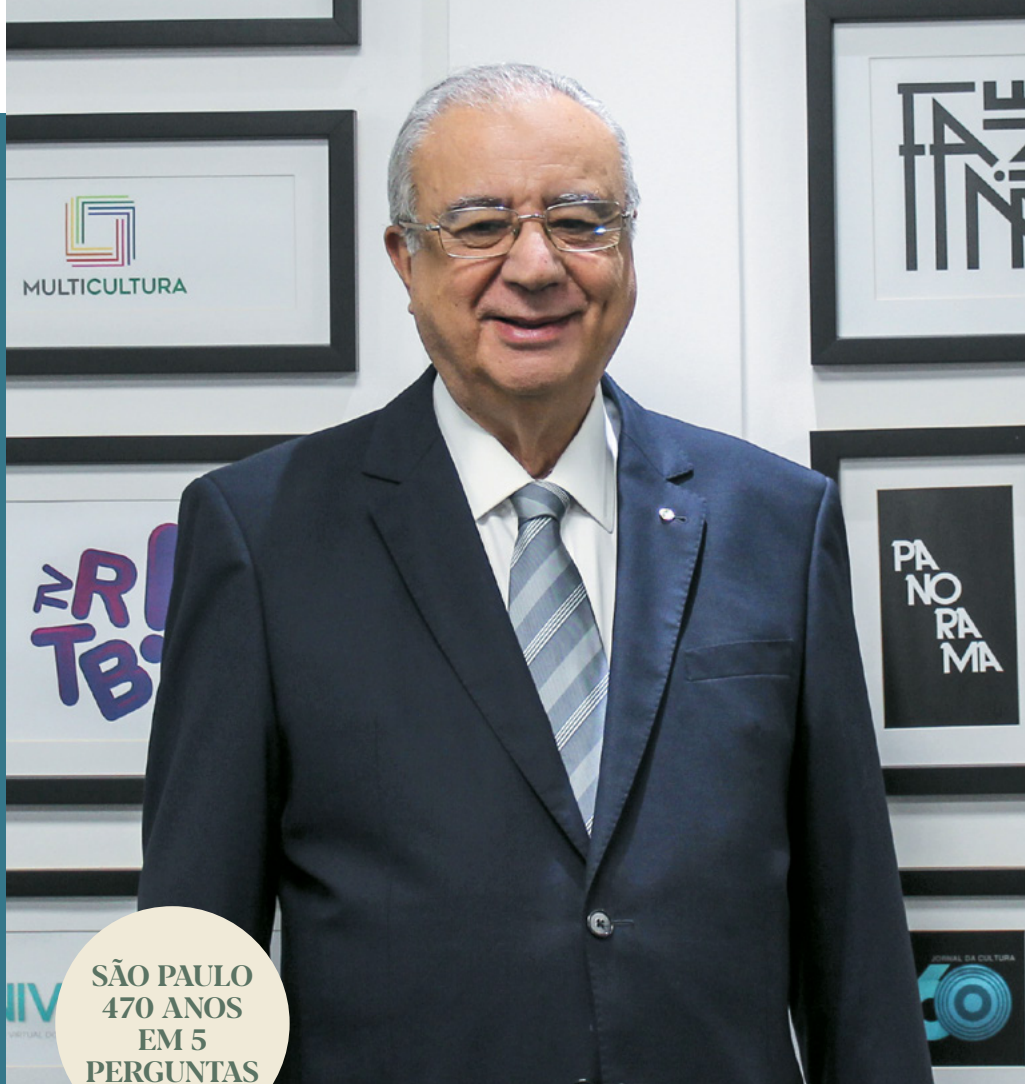
interesse de toda a cidadania. O governo tem feito sua parte, criando normatividade atrativa: recuperar edifícios, torná-los habitáveis, fazer com que o centro, excelentemente provido de infraestrutura e um belo espaço histórico, urbanístico e arquitetônico seja um espaço de convívio entre as pessoas, isso representa o convite à recuperação da vida saudável dessa região. Atender o convite é uma questão de escolha. A sociedade precisa responder a esse desafio. Ocupar o centro, frequentá-lo, ressignificá-lo, não é missão exclusiva do Poder Público. Este é mero mandatário da população. Esta é a única real detentora da soberania, de acordo com a opção brasileira em 5.10.1988: “Todo o poder emana do povo”. Isso tem de estar na consciência de cada cidadão, para que possa fazer valer os seus legítimos interesses e direitos.

CARTA: Cite uma dor e uma delícia de São Paulo.

JOSÉ RENATO: A dor: os semelhantes que continuam a ocupar ruas e logradouros públicos. É importante saber que há milhares de vagas nos abrigos, existe a opção pelo aluguel social, pela acolhida – por uma família – de uma ou mais pessoas, tudo com incentivo financeiro da Municipalidade. O direito à moradia não inclui a permanência em espaços públicos de uso comum de toda a coletividade. A delícia de São Paulo é poder acordar com bem-te-vis que convivem com a selva de concreto, vidro e alumínio e com os sabiás que caminham pelas calçadas e não se amedrontam com a passagem de pedestres que fazem os seus percursos pelos mais variados lugares da megalópole.

CARTA: São Paulo é uma cidade praticamente feita por imigrantes do Brasil e do mundo. Assim, há paulistanos do Rio, de Salvador, de Beirute, de Paris, de Tóquio, de Beijin... Vc é paulistano de onde?

JOSÉ RENATO: Sou paulistano de Jundiaí. Sempre vinha à capital, um dos destinos mais procurados por meus pais. Devido ao trabalho, passei a residir em São Paulo na década de 1970 e, desde então, assumi a minha paulistanidade. Vou à minha terra, mas volto feliz para São Paulo, a cidade que eu amo é que é o meu berço por opção. ■



SÃO PAULO
470 ANOS
EM 5
PERGUNTAS

JOSÉ ROBERTO MALUF

MAIS
TECNOLOGIA E
INFORMAÇÃO.
MENOS
TRÂNSITO

FOTO: BRUNA FRASSON

Advogado, jornalista, professor e presidente da Fundação Padre Anchieta, ele acredita na parceria Estado e Prefeitura, lamenta a desigualdade social e celebra a diversidade gastronômica

CARTA DO LÍBANO: De vila de jesuítas e indígenas a megalópole global. Aos 470 anos, o que faz São Paulo diferente das outras capitais brasileiras e grandes cidades do mundo?

JOÃO CARLOS: É uma cidade que acolheu o Brasil de norte a sul, leste a oeste. Então realmente tem a

CARTA DO LÍBANO: De vila de jesuítas e indígenas a megalópole global. Aos 470 anos, o que faz São Paulo diferente das outras capitais brasileiras e grandes cidades do mundo?

JOSÉ ROBERTO MALUF: A megalópole não é só uma grande cidade, muito populosa que abrange municípios no seu entorno, é também um importante polo econômico-financeiro, social e cultural. É o caso de São Paulo, uma megalópole superurbanizada que concentra boa parte dos serviços do País e que também deve seu crescimento à inestimável contribuição de uma migração e imigração diversas. Vieram brasileiros de outros estados e também portugueses, italianos, japoneses, alemães, árabes, judeus e tantos outros que ao conviverem em uma mistura de raças, religiões e culturas, fizeram de São Paulo uma cidade única.

CARTA: Para você qual o grande problema a ser enfrentado na cidade, considerando que temos eleições este ano?

JOSÉ ROBERTO: Os principais problemas da cidade de São Paulo, assim como do País, encontram sua origem na desigualdade social, um desafio que precisamos enfrentar. Embora a cidade ofereça inúmeras oportunidades e conte com uma estrutura urbana avançada, temos muito ainda a fazer. Questões ambientais, de infraestrutura, de segurança, moradia, educação, saúde e cultura dependem de políticas públicas que tenham continuidade e

que integrem comunidades. O aumento do uso de tecnologia de informação e comunicação vai tornar a cidade mais eficiente e sustentável e melhorar a qualidade de vida do cidadão.

CARTA: O Centro de São Paulo tem solução? Como devolvê-lo aos paulistanos?

José Roberto: É um problema de difícil solução, mas que tem que ser enfrentado urgente e seriamente. Podemos começar pela necessidade de criar um centro integrado, Estado e Prefeitura, com um grupo de trabalho dedicado exclusivamente a essa região, onde especialistas de diferentes áreas consigam trabalhar de forma independente, com projetos de longo prazo que não estejam necessariamente vinculados à autoridade de plantão.

CARTA: Cite uma dor e uma delícia de São Paulo.

JOSÉ ROBERTO: Delícia é a diversidade gastronômica da cidade, podemos experimentar a culinária de vários países do mundo sem sair de São Paulo. Dor é o trânsito cada vez mais difícil. Precisamos melhorar a abrangência e eficiência do transporte público

CARTA: São Paulo é uma cidade praticamente feita por imigrantes do Brasil e do mundo.

Assim, há paulistanos do Rio, de Salvador, de Beirute, de Paris, de Tóquio, de Beijing... Você é paulistano de onde?

JOSÉ ROBERTO: Sou paulista, filho de brasileiros, nascido em Limeira, interior de São Paulo. Vim morar na cidade de São Paulo com meus avós libaneses, para estudar Direito no Largo de São Francisco e aqui fiquei. Trabalhei como professor, advogado, empresário e até hoje sou executivo de empresa de comunicação. São Paulo é minha casa. ■



SÃO PAULO
470 ANOS
EM 5
PERGUNTAS

CAROL MALUF

“SÃO PAULO
TEM TODOS
OS AROMAS
DO MUNDO”

FOTO: DIVULGAÇÃO

Cosmopolita e empreendedora engajada no terceiro setor, ela vê a cidade pela ótica da diversidade, do acolhimento, da comunidade e das “tradições que se perderam em outros lugares”

CARTA DO LÍBANO: De vila de jesuítas e indígenas a megalópole global. Aos 470 anos, o que faz São Paulo diferente das outras capitais brasileiras e grandes cidades do mundo?

CAROL MALUF: São Paulo tem todos os aromas do mundo. Caminhar por diferentes bairros nos remete a outras culturas e outros países. Caminhar no Bixiga, na 25 de Março, no Brooklin, na Liberdade, na Mooca, em Santana, cada um desses lugares exala personalidade. São Paulo é diversa, mas mantém tradições que se perderam em outros lugares.

CARTA: Para você qual o grande problema a ser enfrentado na cidade, considerando que temos eleições este ano?

CAROL: Temos dois grandes problemas quando nos referimos a cidade em si, o abandono e desleixo com sua urbanização. São Paulo está suja, ruas intransitáveis, o centro sem estrutura e sem projeto arquitetônico de preservação e restauro. Outro grande problema é a falta de estrutura para evitar a violência. Não há um programa de tolerância zero e unidades de apoio ao cidadão. Andar a pé é um risco.

CARTA: O Centro de São Paulo tem solução? Como devolvê-lo aos paulistanos?

CAROL: Certamente o Centro tem solução. A maioria dos prédios são propriedade privada e os maiores interessados em recuperar a região são os proprietários. Uma ação da Prefeitura que incentivasse o setor privado a investir seria muito

bem-vinda. Isenção de certos impostos em troca de restauro. Criação de núcleos de vizinhança para acompanhamento das necessidades e melhorias junto aos órgãos públicos. Negociações com construtoras junto à prefeitura. Enfim; se quiser dá para fazer.

“A maior dor é a violência e a falta de segurança. A maior delícia é comer em São Paulo”

CARTA: Cite uma dor e uma delícia de São Paulo.

CAROL: A maior dor é a violência e a falta de segurança. A maior delícia é comer em São Paulo.

CARTA: São Paulo é uma cidade praticamente feita por imigrantes do Brasil e do mundo. Assim, há paulistanos do Rio, de Salvador, de Beirute, de Paris, de Tóquio, de Beijing... Você é paulistana de onde?

CAROL: Sou paulistana de Zahle! Libanesa como toda boa paulistana. ■



SÃO PAULO
470 ANOS
EM 5
PERGUNTAS

LUCIANA SARGOLOGOS

“UMA CIDADE
BASTANTE
DEMOCRÁTICA”

FOTO: DIVULGAÇÃO

Para a cirurgiã dentista e professora de Odontologia, a população heterogênea e a diversidade cultural fazem a diferença. A violência e o trânsito são um sinal de alerta

CARTA DO LÍBANO: De vila de jesuítas e indígenas a megalópole global. Aos 470 anos, o que faz São Paulo diferente das outras capitais brasileiras e grandes cidades do mundo?

LUCIANA SARGOLOGOS: São Paulo é uma cidade frenética que não pára e o que faz toda a diferença é a população bastante heterogênea. Conseguimos ter na mesma cidade várias comunidades, vários povos de países diferentes interagindo socialmente e profissionalmente. As colônias árabe, japonesa, grega, italiana e assim por diante. Cada uma em bairros onde se estabeleceram, formando uma cidade bastante democrática. Por conta disso, temos culturas diferentes convivendo e estabelecendo trocas, como por exemplo na gastronomia.

CARTA: Para você qual o grande problema a ser enfrentado na cidade, considerando que temos eleições este ano?

LUCIANA: Difícil destacar um único grande problema. Temos problemas bastante complicados, mas se eu tiver de apontar um é a falta de segurança. São Paulo está extremamente violenta e tem piorado muito. O segundo é o trânsito caótico. O crescimento muito rápido não foi acompanhado por um controle urbano. Nosso transporte público não é de qualidade e não dá conta do tamanho da cidade. Com a falta de segurança existe uma piora no trânsito porque a população não se sente segura em se deslocar pela cidade através do transporte público.

CARTA: O Centro de São Paulo tem solução? Como devolvê-lo aos paulistanos?

LUCIANA: Sim, tem solução, mas não é uma solução

fácil. Por exemplo, como auxiliar as pessoas em situação de rua no Centro, sem moradia, além do problema dos usuários e do tráfico de drogas na região. É necessário haver planejamento para solucionar o problema a partir do básico, que é moradia e saúde.

CARTA: Cite uma dor e uma delícia de São Paulo.

LUCIANA: A dor é o trânsito caótico. Delícia é a diversidade de possibilidades de entretenimento, que inclui arte, cultura e gastronomia.

“São Paulo é uma cidade frenética que não pára e o que faz toda a diferença é a população”

CARTA: São Paulo é uma cidade praticamente feita por imigrantes do Brasil e do mundo. Assim, há paulistanos do Rio, de Salvador, de Beirute, de Paris, de Tóquio, de Beijing... Você é paulistana de onde?

LUCIANA: Sou paulistana nascida em São Paulo, filha de imigrantes. Pai nascido na Grécia e mãe nascida no Líbano. Sou da primeira geração da família nascida no Brasil, em São Paulo. ■



SÃO PAULO
470 ANOS
EM 5
PERGUNTAS

ALI EL-ZOGHBI

“BRASILEIRO,
PAULISTANO,
MUCULMANO E
CORINTIANO!”

FOTO: ERNESTO EILERS

O professor e vice-presidente da Fambras acredita que diversidade, acolhimento e união entre poderes público e privado podem solucionar a cruel desigualdade na metrópole

CARTA DO LÍBANO: De vila de jesuítas e indígenas a megalópole global. Aos 470 anos, o que faz São Paulo diferente das outras capitais brasileiras e grandes cidades do mundo?

ALI EL-ZOGHBI: A diversidade, sem dúvida. São Paulo hoje é uma metrópole multiétnica, que abraça todas as diferenças tanto do ponto de vista de etnia quanto de religião e até mesmo de nacionalidades. As culturas que se encontram acabam formando esse amálgama, essa junção que, na minha opinião, é o grande patrimônio brasileiro. E por conviver com tantas diferenças, acabamos por adquirir uma dimensão humana ampla e universal.

CARTA: Para você qual o grande problema a ser enfrentado na cidade, considerando que temos eleições este ano?

ALI: Na minha opinião, o grande problema está nos moradores de rua, esse flagelo que atinge grandes cidades no mundo todo. Em São Paulo, o volume multiplicou e muito no pós-pandemia. Acho que as políticas públicas devem enxergar isso como uma prioridade absoluta para que essas pessoas possam viver de maneira mais digna.

CARTA: O Centro de São Paulo tem solução? Como devolvê-lo aos paulistanos?

ALI: Acredito que tenha solução sim. Entendo que deve ser feito um trabalho gradual e abrangente. Considerando as dimensões do Centro de São Paulo, penso dividir o espaço em microrregiões e envolver todas as secretarias da capital e do estado juntamente com a iniciativa privada. Impossível

sugerir soluções que não envolvam saúde pública, segurança, patrimônio, transporte, meio ambiente, educação, lazer e cultura. Certamente teríamos que ultrapassar as diferenças políticas e que resultasse em um esforço Federal, Estadual e Municipal.

CARTA: Cite uma dor e uma delícia de São Paulo.

ALI: A grande dor ao circular pela cidade é encontrar pessoas vivendo abaixo da linha da miséria, dormindo na rua, sem o mínimo para viver de forma digna. Uma dor presente em nosso dia a dia em diversos bairros. Somo a isso o consumo de drogas que tem levado muitas pessoas a se perderem de si mesmas em todos os sentidos, inclusive perdendo a própria vida. Entre as delícias eu destaco a gastronomia tão variada. Um exemplo são as pizzas paulistanas – em muitos lugares do mundo você não encontra pizzas saborosas como as nossas. E a evolução se estende em todos os tipos, inclusive a culinária árabe e libanesa, tão apreciadas por quem vive em São Paulo.

CARTA: São Paulo é uma cidade praticamente feita por imigrantes do Brasil e do mundo.

Assim, há paulistanos do Rio, de Salvador, de Beirute, de Paris, de Tóquio, de Beijing... Você é paulistano de onde?

ALI: Nasci no Jabaquara, zona sul da cidade. Gosto de dizer que, graças a Deus, sou brasileiro, paulistano, muçulmano e corintiano! Para mim, é uma dádiva ter nascido em uma cidade tão acolhedora e que respeita as diferenças – apesar de ainda haver alguns desafios neste sentido. ■

AMIN MAALOUF

UMA OBRA E UMA ALMA SEM FRONTEIRAS

Nascido em Beirute, ele passou a infância e a juventude entre o Egito e o Líbano. Jornalista, viajou pelo Oriente e Ocidente e se estabeleceu em Paris, onde virou escritor de prestígio e sucesso. Hoje, secretário perpétuo da Academia Francesa, compartilha ideias e ideais com o mundo todo

No dia 28 de setembro de 2023, o escritor líbano-francês Amin Maalouf tornou-se secretário perpétuo da Academia Francesa, a instituição de 388 anos encarregada de salvaguardar o idioma francês - é a 33ª pessoa a ocupar o cargo desde a fundação do órgão sob o rei Luís 13, em 1635. Maalouf recebeu 24 votos, enquanto o seu amigo e escritor Jean-Christophe, o outro concorrente à vaga, obteve oito, segundo uma mesma fonte.

No romance de Maalouf “Os Desorientados”, Adam, um “estrangeiro incurável”, sente-se constantemente deslocado, tanto na sua terra natal como no país de exílio. Para o personagem, a identidade transcende as fronteiras geográficas.

Enquanto outros juram lealdade à terra de origem, ele permanece devotado a um ideal de liberdade.

A decisão de deixar seu país fervia dentro de Adam há muito tempo, solidificando-se gradualmente, até que um dia ele partiu. Ainda jovem, não olhou para trás e nunca mais voltou. Ele deixou o Oriente. Mas o passado que ele antes considerava “sem futuro” ainda ocupava seus pensamentos de vez em quando, embora como uma lembrança distante e triste.

Inspirado na vida do seu criador, Adam é acusado pelos pares de “trair” suas raízes. No entanto, ao contrário de Maalouf, ele não se tornou um arquétipo do sucesso libanês. O escritor, um exemplo do “sucesso do outro lado”, é simplesmente lendário. Mas apesar da fama, sua mensagem principal continua sendo a humildade e o humanismo.

FOTOS: INSTITUT DE FRANCE



Fardão e espada: Escritor best-seller e de prestígio, Amin Maalouf foi eleito secretário permanente da Academia Francesa, em substituição à Hélène Carrère d'Encausse

“O homem não é uma árvore com raízes, diz Maalouf. Apesar disso, assim como todo mundo, ele é produto de uma história”

Maalouf, um anti-chauvinista convicto, rejeita os grilhões do local de nascimento com a mesma veemência que o fervor da identidade. O homem não é uma árvore com raízes, diz ele. Apesar disso, assim como todo mundo, ele é produto de uma história. A história de Maalouf começa no Líbano.

Amin é filho de Ruchdi e Odette Maalouf. Nasceu em Beirute, um dia após o acordo israelense-egípcio de 24 de fevereiro de 1949, o primeiro de uma série de armistícios que encerraram a guerra árabe-israelense de 1948-49.

Passou os primeiros anos no Egito, onde os avós maternos se refugiaram, tendo sido expulsos de Istambul em 1915. Lá permaneceu até dezembro de 1951, quando eclodiu uma série de motins contra a tutela britânica, mais conhecidos como “incêndio no Cairo”, o que levou sua família a partir.

Anos mais tarde, em entrevista com Egi Volterrani, seu tradutor italiano, o escritor contou que os Ghossein, sua família materna, “que até então se sentiam egípcios, perceberam que seriam para sempre estranhos em seu próprio país e que teriam de se preparar para deixá-lo”.

As memórias dos antepassados, perseguidos e roubados, o moldaram como um “exilado antes do exílio”, alguém que sempre compreendeu que nenhum império era eterno e nenhuma fortuna garantida, como descreveu o médico e diplomata francês Jean-Christophe Rufin quando foi admitido na Academia Francesa, em 2012.

UM CORAÇÃO, OUTRO LUGAR

Em Beirute, onde os Maalouf se estabeleceram, o jovem Amin sentiu-se um estranho. A profunda ligação com sua pequena aldeia montanhosa, Ain el-Qabou, no Monte Líbano, parecia não se traduzir na capital libanesa.

“Tinha constantemente a sensação de que estava vivendo [em Beirute] por razões de conveniência, mas que tinha deixado o meu coração em outro lugar”, disse Maalouf certa vez.

Enquanto o romancista e cineasta francês Marcel Pagnol celebrava as colinas provençais da sua infância, no sul da França, Maalouf elegeu como musa a aldeia do seu pai com suas intrincadas ruas ladeadas por pinheiros, que podem ser facilmente identificadas no romance “O Rochedo de Tanios”, inspirado que é infundido com o tradicional narrativa “hakawati” - os velhos contadores de histórias - de sua juventude.

Na idílica aldeia ensolarada, onde as crianças exploravam o terreno rochoso, Boutros, o avô de Maalouf, que se identificava como cidadão otomano, fundou uma escola. “Sem ele [Boutros], teríamos ficado todos cuidando dos nossos bichos-da-seda”, disse Youssef Ghossoub, amigo da família, à AFP em 1993 - ano da publicação do romance.

A família Maalouf era protestante e, naturalmente, Ruchdi Maalouf gravitou em torno da Universidade Americana de Beirute (AUB), fundada pela Missão Protestante Americana no Líbano. Ruchdi fez jornalismo e mais tarde obteve o doutorado em filosofia nos Estados Unidos.

Ruchdi era um indivíduo multifacetado - um jornalista brilhante, poeta, escritor, crítico de arte e pintor. Foi diretor do diário “al-Jarida” e um conferencista renomado, que enfatizava em seus ensinamentos a primazia da cultura sobre a política.

Apesar do inglês ser a língua dominante no seu país, Maalouf embarcou na jornada educacional em francês em 1955, frequentando a escola jesuíta Notre-Dame de Jamhour - condição primordial imposta pela mãe greco-católica ao se casar com o seu pai. Suas três irmãs, por outro lado, foram

enviadas para a escola École des Sœurs-de-la-Charité - Besançon, em Beirute.

Todas as manhãs, o jovem Maalouf esperava o ônibus escolar entre o bairro de Badaro e o Museu Nacional de Beirute.

“Era um excelente aluno”, disse Joseph Maila, amigo de Maalouf há mais de 60 anos, seu companheiro de ônibus e de classe. Hoje, Maila é professor de relações internacionais na Essec Business School, em Paris. “Ele era estudioso e culto, tinha um forte domínio do francês e do árabe, demonstrando grande interesse pela literatura, história e geografia, mais do que pelas ciências”.

Em meados da década de 1960, a escola Jamhour oferecia um ambiente acadêmico com padrões rigorosos e comprometido com a excelência e a extensa biblioteca dos padres jesuítas serviu como fonte de despertar intelectual para os jovens alunos.

Em casa, o adolescente Amin ficou extasiado com um rádio de última geração. No anuário da turma de 66, uma breve inscrição acompanhava sua foto, retratando o adolescente de óculos: “Amin Maalouf, naturalmente reservado, com forte inclinação para geografia e política. Sua especialidade era ficar por dentro das notícias do mundo todo, em vários idiomas. Seu caminho futuro: o jornalismo”.

“NÓS QUERÍAMOS MUDAR O MUNDO”

Em 1966, Maalouf iniciou a jornada acadêmica na Universidade Saint-Joseph (USJ) em Beirute, onde estudou sociologia e economia. Simultaneamente, na École des Lettres consumiu vorazmente os clássicos atemporais da literatura ocidental.

Esses anos foram predominantemente caracterizados pelo fervor do ativismo estudantil, pela turbulência política e pelas aspirações de mudança. A guerra árabe-israelense de 1967 desestabilizou ainda mais um equilíbrio já precário no conturbado Líbano.

À medida que a década de 1970 se aproximava, o Líbano ainda não tinha mergulhado no atoleiro do conflito armado, mas a sua juventude já estava em rebelião aberta contra o establishment político e as deficiências do confessionalismo.

“Queríamos mudar o mundo”, disse Tarek Mitri, amigo de Maalouf daquela época. Mitri é ex-ministro

da Cultura e presidente da Universidade Saint-George. “Essa foi a nossa geração, tínhamos grandes sonhos”.

No momento em que a presença palestina dividiu a opinião pública e a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) ganhou força a partir do Acordo do Cairo de 1969 - sob o qual a presença e as atividades dos guerrilheiros palestinos no sudeste do Líbano seriam toleradas e regulamentadas pelas autoridades do país - Maalouf e os seus amigos faziam parte de uma geração que rapidamente se politizou. “Éramos um grupo de jovens que realizavam protestos”, disse Mitri.

Porém, mesmo no auge do envolvimento político e ativismo, Maalouf permaneceu fiel à sua natureza equilibrada. Segundo Mitri, “ele era alguém que pensava bem nas coisas, que não se deixava levar”. “Nunca foi um ativista cego pela causa que defendia.”

Na USJ, também cruzou com Andrée, uma jovem professora de educação especial, com quem se casou em 1971. A união gerou três filhos.

Seguindo os passos do pai, nesse mesmo ano, Maalouf juntou-se à equipa editorial do jornal diário “An-Nahar”. Mesmo depois de se mudar para França em 1976, continuou como colaborador da publicação.

A partir de 1969,
Amin Maalouf e
os seus amigos
faziam parte de
uma geração
que rapidamente
se politizou

Durante seu trabalho no jornal “An-Nahar” cobriu eventos globais atuais e aprimorou suas habilidades como repórter

No entanto, suas aspirações iam muito além do trabalho no “An-Nahar”. Ele ansiava por terras distantes, paisagens novas, grandes e pequenas histórias.

Sua iniciação no jornalismo no “An-Nahar” foi um trampolim. Lá, cobriu eventos globais atuais e aprimorou suas habilidades como repórter. O trabalho o levou a lugares como Etiópia e Vietnã. E viajou pela vastidão da África.

“Quando ele voltava para casa, passávamos horas extasiados com seus relatos sobre o que havia testemunhado e com as profundas reflexões que essas experiências suscitaram nele”, contou Mitri.

Pouco depois de retornar de uma reportagem na Ásia, ele testemunhou o massacre de Ain

al-Remmaneh, em 13 de abril de 1975, que foi amplamente considerado o estopim da Guerra Civil Libanesa de 1975-90.

A cena angustiante se desenrolou sob as janelas do modesto apartamento dos Maalouf, obrigando o casal a fugir para as montanhas.

“Ele provavelmente foi o único de nós a perceber que a guerra se arrastaria indefinidamente”, lembrou Mitri. “Ele nos disse: ‘Vai demorar muito, estou indo embora’”.

Maalouf partiu para Paris, inicialmente sozinho, onde conseguiu um pequeno apartamento e acabou conseguindo um cargo como jornalista na revista “Jeune Afrique”. Mais tarde, ele chegaria ao cargo de editor-chefe. A família juntou-se a ele em Paris pouco depois.

O ano de 1976 marcou um novo capítulo na vida de Maalouf, escrito em francês. Tendo iniciado a carreira em árabe, reconheceu mais tarde que a mudança de uma língua para outra foi uma consequência dos “perigos da vida”.

NA FRANÇA, A CONSAGRAÇÃO

“É provável que, se não tivesse sido forçado a deixar o meu país, não teria dedicado a minha vida à literatura”, escreveu Maalouf no seu livro “Origens”. “Tive de perder o meu rumo social e todas as ambições óbvias associadas à minha formação para procurar refúgio na escrita”.

Em 1983, publicou o primeiro ensaio histórico “As Cruzadas Vistas pelos Árabes”, livro que deixou uma impressão duradoura ao narrar as Cruzadas através da perspectiva dos escritores árabes da época. Foi o seu romance de estreia “Leão, o Africano” (1986), que o impulsionou para a ribalta literária.

Enriquecido com origens diversas, Maalouf encontrou inspiração nas narrativas tecidas ao longo

“É provável que, se não tivesse sido forçado a deixar o meu país, não teria dedicado a minha vida à literatura”



Dois orgulhos franco-libaneses Rima Abdul Malak, ministra da Cultura, e Amin Maalouf, secretário permanente da Academia Francesa

“Não tenho várias identidades, tenho apenas uma, feita de todos os elementos que moldaram as suas proporções únicas”

das gerações por seus antepassados. Em “A Rocha de Tanios”, a terra natal transcende o papel de cenário e surge como centro da narrativa.

Publicado três anos depois do fim da Guerra Civil, o romance foi aclamado na França antes de conquistar o prestigiado prêmio Goncourt, em novembro de 1993. “Eu precisava permitir que as ideias amadurecessem”, disse Maalouf em entrevista à revista “Prestige”. “Só então que senti que havia chegado o momento de compartilhá-las”.

Pouco depois, Maalouf regressou a Beirute pela primeira vez em 17 anos. “Quando o prêmio foi anunciado, as pessoas [no Líbano] reagiram de uma forma incrível... os carros buznavam nas ruas”, disse Maalouf a Volterrani. “Foi como se, depois de anos de distanciamento e mal-entendidos, minha amada cidade [Beirute] tivesse me demonstrado em voz alta seu afeto; Eu tive que ir até ela e abraçá-la”.

“METADE FRANCÊS E MEIO LIBANÊS? DE JEITO NENHUM!”

Em 30 de novembro de 1993, Maalouf declarou a sua intenção de “dividir seu tempo entre a França e o Líbano”, em artigo que escreveu para o “L’Orient Le-Jour”. Ele expressou seu desejo de ter uma casa de família em Ain el-Qabou em contraponto ao retiro na Ile d’Yeu, onde passou longos meses escrevendo. Foi uma ilusão.

“Vivo em solo francês há 22 anos, bebo a sua água e o seu vinho, as minhas mãos acariciam as suas velhas pedras todos os dias, escrevo os meus livros em francês e a França nunca mais poderá ser um país estrangeiro”, escreveu Maalouf em “Nome de Identidade: Violência e a Necessidade de Pertencer”.

“Metade francês e meio libanês, então? De jeito nenhum! A identidade não pode ser compartimentada; não pode ser dividida em metades

ou terços, nem ter qualquer conjunto de limites claramente definidos”, escreveu. “Não tenho várias identidades, tenho apenas uma, feita de todos os elementos que moldaram as suas proporções únicas”.

Escritor cujas obras foram traduzidas para mais de 50 línguas, Maalouf mantém, no entanto, um nível de discrição que o diferencia de tendências passadas.

“Ele não é do tipo que se envolve em conversa fiada; pondera profundamente e, quando lhe perguntam algo, reserva um tempo para responder com consideração e compostura”, disse o sobrinho de Amin, Ibrahim Maalouf, conhecido trompetista franco-libanês. “Eu nunca o vi perder a paciência”.

Talvez seja em “Origens” que Maalouf se revela de verdade. Na busca pela identidade, investigando as raízes da sua família que remontam ao século 19, ele narra a própria vida e a dos seus entes queridos, ao mesmo tempo que aborda uma ferida pessoal – a ferida do “exílio”. Ele se revela de forma pungente: “Às vezes, digo que minha terra natal é escrever, e é verdade... foi onde me estabeleci, onde respiro e onde finalmente descansarei”.

Em 23 de junho de 2011, no momento em que a região vivia uma breve explosão de esperança na sequência das revoltas populares da Primavera Árabe, Maalouf foi empossado na Academia Francesa, criada em 1634 pelo cardeal Richelieu, o ministro-chefe do rei Luís 13, para salvaguardar o “espírito da língua francesa”.

Após várias tentativas infrutíferas, Maalouf finalmente foi eleito para ocupar a cadeira que pertencia a Claude Lévi-Strauss, autor “emblemático” de quem ele gostava especialmente em seus tempos de estudante.

Cerca de 20 de seus amigos de infância viajaram de Beirute para testemunhar a tradicional apresentação da espada. Dentro dos muros da

instituição, o sotaque de Maalouf reverberou, mas ele rejeitou veementemente qualquer noção de exotismo.

“Não foi assim que La Bruyère, Racine e Richelieu, Luís 13 e Luís 14, e Mazarin, é claro, se expressaram, e antes deles, antes da criação da academia, Rabelais, Ronsard e Rutebeuf?”. indagou em seu discurso de posse. “Arrastar os Rs não vem para você; está voltando para você”.

À medida que os países árabes caminhavam cada vez mais diretamente para um “naufrágio” previsto, a academia serviu de refúgio para Maalouf, a última ilha de resistência contra a marcha acelerada da história.

Ele incorporou “uma mistura de sabedoria, experiência e amor pela instituição”, disse Daniel Rondeau, escritor, colega acadêmico e amigo.

Maalouf é um “patriota da academia”, que ele adorou a ponto de a ter tornado tema de um dos seus últimos ensaios (“Un fauteuil sur la Seine: quatre siècles d’histoire de France”), e do qual é agora o secretário perpétuo.

Ao mesmo tempo, a distância que o separava da sua terra natal tornou-se mais evidente. Em 2013, na Feira do Livro de Língua Francesa de Beirute, ele declarou seu sonho de um Líbano onde a coexistência prevalecesse, um “sonho que deveria tornar-se realidade”.

Mas à medida que o país mergulhava num turbilhão interminável de crises, ele assistiu impotente ao colapso da ideia de uma nação libanesa. Desde então, Maalouf não regressou ao Líbano e recusou todos os convites profissionais, conforme revelou um conhecido que não quis ser identificado. Talvez seu desencanto tenha se traduzido em desapego.

No Líbano, Maalouf foi celebrado pela maioria dos libaneses e elevado ao status de ícone nacional, ao lado de nomes como a cantora Fairouz e o escritor Khalil Gibran. Depois de uma entrevista que concedeu ao canal israelita i24 em junho de 2016, caiu em desgraça junto de uma parte da população libanesa. Maalouf não comentou o incidente.

Muitos outros, no entanto, fariam isso em seu nome.

“Se Maalouf não prestou atenção à identidade do canal, ele deveria pedir desculpas pelo seu erro aos

palestinos, ao povo libanês e a toda a comunidade árabe”, disse o movimento pró-Palestina de Boicote, Desinvestimento e Sanções (BDS).

Os meios de comunicação do 8 de Março (Aliados do Irã e Hezbollah) também capitalizaram a controvérsia, utilizando-a para iniciar uma campanha contra ele. O diário pró-Hezbollah “al-Akhbar” chegou ao ponto de rotular Maalouf como “Leão, o Israelita”.

Os anos que se seguiram marcaram o seu gradual sentimento de distanciamento dos assuntos públicos. “Como todos aqueles que aspiram à mudança, ele é um homem desiludido”, disse Mitri.

Hoje em dia, Maalouf observa o mundo majoritariamente a partir do Quai de Conti em Paris, onde participa todas as quintas-feiras do encontro semanal da Academia Francesa.

“O país cuja ausência me enche de tristeza e me preocupa não é aquele que encontrei na minha juventude; é aquele que eu imaginei, mas nunca testemunhei”, diz o personagem Adam, em “Os Desorientados”. Talvez Adam e Maalouf não sejam tão diferentes, afinal. ■

“O Líbano cuja ausência me enche de tristeza e me preocupa não é aquele que encontrei na minha juventude”



O presidente do Lar Druzo Brasileiro, Nabil Alameddine, exaltou no seu discurso a paixão que guiou "um grupo de visionários" a fundar o Lar

LAR DRUZO BASILEIRO

TRADIÇÃO E RESPONSABILIDADE SOCIAL

Transmissão de um legado, auxílio ao próximo e o olhar em direção ao futuro marcam a trajetória e a força da instituição há 54 anos

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Nabil Alameddine, o conselheiro Majed Rajeh, Makram Saïd, sheik Fahd Alameddine e Haïssam Almasri

O evento reafirmou os valores de preservação, promoção e fortalecimento da identidade e da cultura da comunidade



Hafez Abou Rafeh, presidente do Lar Druzo Brasileiro em Foz de Iguaçu, cônsul-geral Rudy el-Azzi, Mohamad Abdouni e Makram Saïd, cônsul honorário do Líbano no Pará e Região Norte do Brasil



Gilda e Assad Frangieh



Rosângela Pereira, o diretor Talal Masri e Siham Mahassen Masri



Nabil Alameddine, Youssef Abbas - vice-presidente da SBM - sheik Ali Dib al-Khatib - representante de Dar al-Fatwa no Brasil e América Latina - e sheik Mohamad al-Bukai



Mohamad Abdouni e o embaixador Osmar Chohfi, presidente da CCAB



O discurso de dom Damaskinos Mansour



Raymond Betty, Nabil Alameddine e Pierre Dwailibi



Nabil Alameddine, Acram Zahredine e Assad Frangieh



Nabil e Lydia Alameddine

“Tornando nossa associação mais eficiente e resolutiva. A inovação também é parte integrante da nossa herança”



Cristina e Omar Golmia com Nadia Farhoud, do Clube Marjayoun



Sra. Amal Zahalan Alameddine com o sheik Fahd Alameddine



Yasmin Mounzer, Najah Chaar, Najat Zahredine, Afaf Bousaid, Noura Karame, Afif Chaar, Nabil Chaar e Mounir Karame



Soraya Helal e Marisa Faraj

São mais de meio século dedicado à atividade sociocultural e, sobretudo, ao auxílio ao próximo. Assim, em 5 de setembro de 2023, foram celebrados os 54 anos de fundação do Lar Druzo Brasileiro, localizado no bairro de Santana, na capital paulista. O evento reafirmou os valores de preservação, promoção e fortalecimento da identidade e da cultura da comunidade libanesa druzo seguidos pela instituição. Bem como a responsabilidade social, a atenção e o cuidado com o próximo que é parte fundamental do legado deixado pelos antepassados e fundadores.

A noite foi marcada por um jantar

comemorativo que também homenageou o sheik Fahd Alameddine, representante oficial da Mashyakht Al-Akl do Líbano, que há 27 anos se dedica à comunidade unitarista druzo no Brasil, Paraguai, Panamá e Uruguai.

No discurso do presidente da entidade, Nabil Alameddine, ele exaltou a paixão que guiou “um grupo de visionários” a fundar o Lar. “Hoje, como guardiões dessa herança, somos os herdeiros de um legado precioso. Nossa responsabilidade para com a comunidade e a sua história é sagrada. Devemos preservar e nutrir as tradições que nos unem, pois é onde encontramos a nossa identidade e conexão com o passado”, pontuou.

Ao mesmo tempo, o presidente chamou atenção



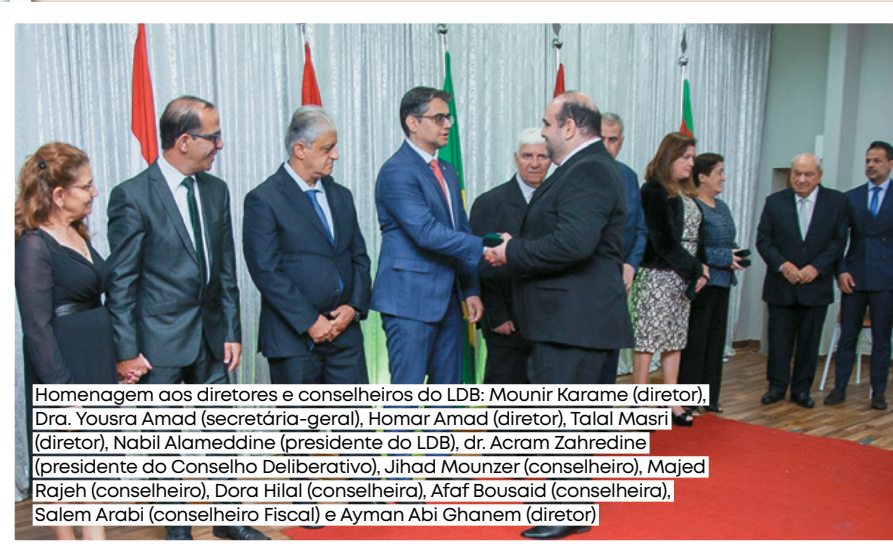
Os diretores Homar Amad e Talal Masri com Nabil Alameddine, Rudy el-Azzi, Hafez Abou Rafeh e o cônsul honorário Makram Said



Toni Abi Hanna com sua mulher Mônica



Dr. Acram Zahredine, presidente do Conselho Deliberativo, durante discurso



Homenagem aos diretores e conselheiros do LDB: Mounir Karame (diretor), Dra. Youssa Amad (secretária-geral), Homar Amad (diretor), Talal Masri (diretor), Nabil Alameddine (presidente do LDB), dr. Acram Zahredine (presidente do Conselho Deliberativo), Jihad Mounzer (conselheiro), Majed Rajeh (conselheiro), Dora Hilal (conselheira), Afaf Bousaid (conselheira), Salem Arabi (conselheiro Fiscal) e Ayman Abi Ghanem (diretor)



Presidente da Academia Árabe Brasileira de Letras e cerimonialista da noite, Kháled Mahassen



Hassan Gharib, presidente da Associação Religiosa Beneficente Islâmica do Brasil (Arbib)

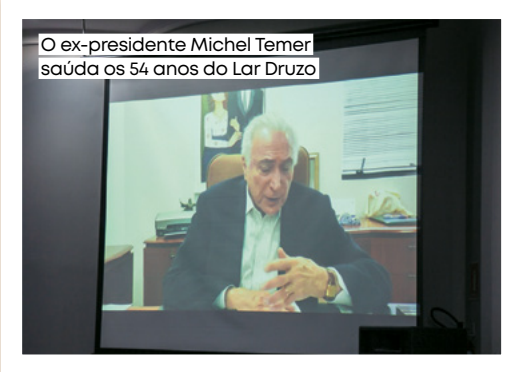


Brenda Ribbe e a conselheira Dora Hilal

“Somos uma família libanesa unificada. Oramos pela paz se ela estiver na igreja, na mesquita ou em khalwet”
– Sheik Fahd



Nabil Alameddine, Acram Zahredine e Omar Gholmieh



O ex-presidente Michel Temer saúda os 54 anos do Lar Druzo



Mario e Fairouz Faraj

para o empenho em “manter vivas as heranças culturais herdadas dos antepassados, adaptando-as com sabedoria à contemporaneidade”, com o aprimoramento de atividades e procedimentos. “Tornando nossa associação mais eficiente e resolutiva. A inovação também é parte integrante da nossa herança”.

O sheik Fahd Alameddine, homenageado da noite, disse em seu pronunciamento: “Somos uma família libanesa unificada. Oramos pela paz se ela estiver na igreja, na mesquita ou em khalwet, todas são casas de Deus. Adoramos um Deus, apelamos ao amor para fazer o bem e ajudar os necessitados e proteger os nossos irmãos e respeitar os outros”. Igualmente fez menção ao respeito da comunidade

druza pelo Brasil, “país que nos acolheu”.

Entre os presentes na ocasião: Rudy el-Azzi, cônsul-geral do Líbano em São Paulo; Makram Said, cônsul honorário do Líbano no Pará e Região Norte, religiosos cristãos e muçulmanos, presidentes de clubes e entidades libanesas, amigos e membros da comunidade druzo. Todos os convidados receberam medalhas comemorativas do evento.

As palavras do presidente Nabil deram a tônica da comemoração: “Nossos 54 anos de história são um tributo aos nossos antecessores e um testemunho do nosso compromisso contínuo. Avancemos com gratidão no coração, determinação na alma e a cultura como nosso farol”. ■



Hassan Massoud - repórter correspondente da TV Al Jazeera na América Latina - Lydia Hyder Alameddine, Amal Zahalan Alameddine, Nayla e Rabih Maalouf, Maurice Bachir, Alexandre e Daniela Barbosa



Rudy el-Azzi, cônsul-geral do Líbano em São Paulo, dr. Acram Zahredine, presidente do Conselho Deliberativo, e Nabil Alameddine, presidente do Lar Druzo



Conselheiros Majed Rajeh e Jihad Mounzer



Suhay Mounzer, Layla Aboultaif Mounzer, Samira e Kamel Azzam, Catherine e Marissol Madriñan, Haissam e Mégida Almasri, Layal e Yasser Noueir

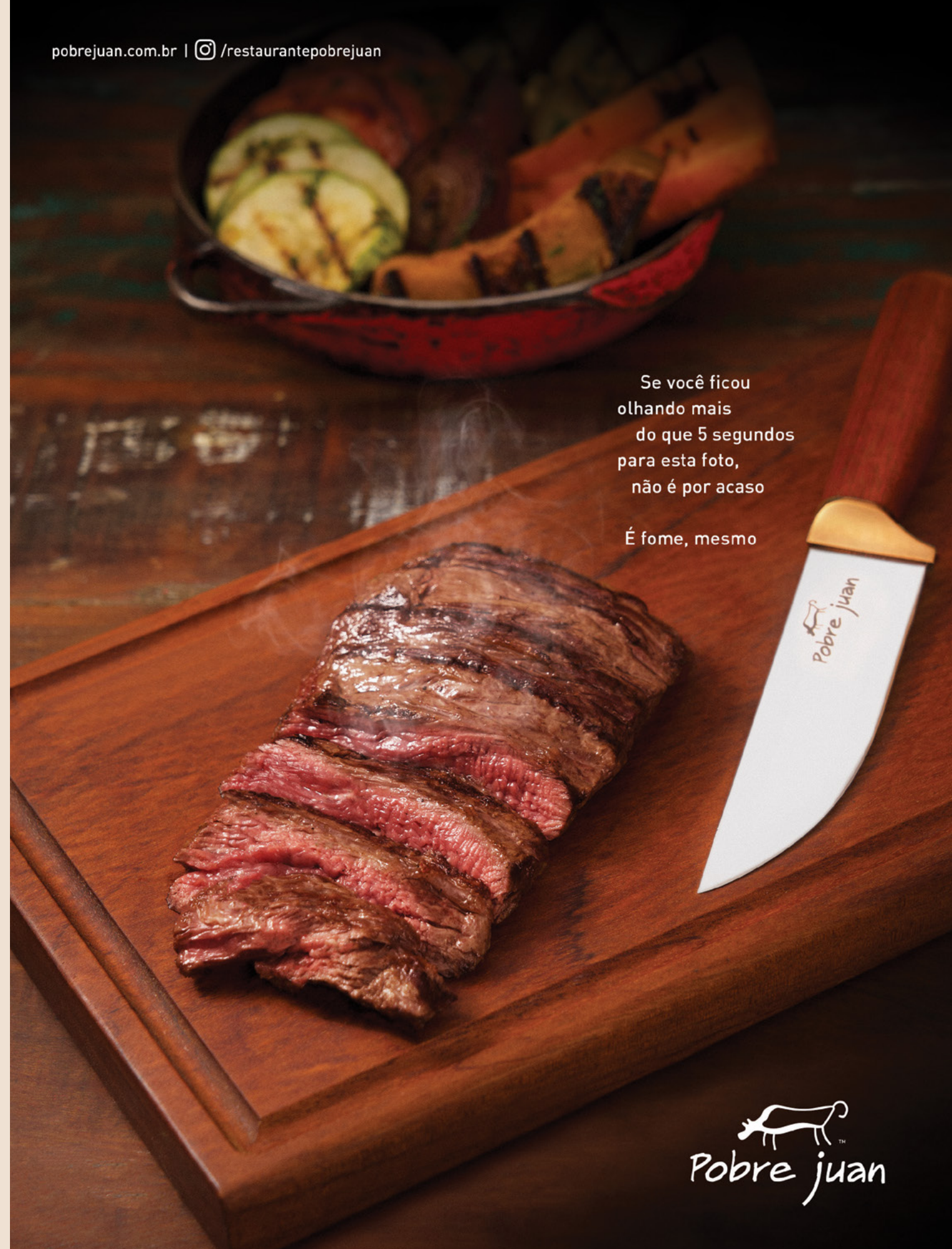


Os sheiks Mohamad al-Bukai e Fahd Alameddine



Nabil Alameddine, o tesoureiro Ayman Abi Ghanem e o cantor Nidal Bader

“Nossos 54 anos de história são um tributo aos nossos antecessores e um testemunho do nosso compromisso contínuo”



Se você ficou olhando mais do que 5 segundos para esta foto, não é por acaso

É fome, mesmo



DRUZISMO VERDE E AMARELO

Há mais de cem anos a comunidade druzá está Brasil, ocupando seu espaço, mostrando sua força e fé entre imigrantes sírios e libaneses, sendo inclusive tema de tese de mestrado em universidade

Dia das Mães, Dia dos Pais, réveillon, aniversários, casamentos, festas... Nada mais significativo do que comemorar momentos importantes em família, na companhia daqueles que mais se ama. Para muita gente, porém, na maior cidade do país, há um lugar em que essas datas se tornam ainda mais especiais. Esse local é o Lar Druzo Brasileiro (LDB), em São Paulo. Ao completar 54 anos, a instituição é uma das três consideradas referências para a comunidade

druza no Brasil: Lar Beneficente Druzo Brasileiro BH e Lar Druzo Brasileiro de Foz do Iguaçu - promovendo valores e conservando a tradição e a identidade milenar do grupo.

Para se ter noção da importância da instituição é preciso conhecer quem é o povo druzo e quais são as suas crenças. No fim do século 19 e começo do 20, milhares de imigrantes árabes chegaram ao Brasil. Eram sírios, libaneses e palestinos que desembarcaram no país em busca de melhores condições de vida. Dentre eles, cerca de 15% identificados como “muçulmanos”, uma classificação genérica e equivocada. “Podiam ser

FOTO: FREEPIK

Laços eternos: Druzos formam uma comunidade - unida pela religião e pela etnia - que existe no Líbano, Israel, Síria, Turquia e Jordânia

Os druzos ou, como eles mesmos preferem, unitaristas (em árabe muahidin) surgiram em 1017 no Cairo, Egito

sunitas, xiitas, alauítas ou mesmo drusos, que apesar da proximidade com o islamismo, têm crenças distintas”, explica Najla Ghoobar em “Lar Druzo Brasileiro – O druzismo verde e amarelo”, tese de mestrado em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), uma das poucas pesquisas acadêmicas realizadas sobre o grupo até hoje.

Os druzos ou, como eles mesmos preferem, unitaristas (em árabe muahidin) surgiram em 1017 no Cairo, Egito, quando o califa ismaelita fatímida Al-Hakim bi Amr Allah foi considerado uma teofania de Deus, uma encarnação do Uno. A base de sua fé é a crença na unicidade de Deus, o que os aproxima do islamismo xiita. Mas com o tempo, o sistema religioso foi moldado pelo sincretismo com outros ensinamentos vindos do ismaelismo, do xiismo, do maniqueísmo, do zoroastrismo, do sufismo e da filosofia grega. Além da unicidade de Deus e da divindade do califa Al-Hakim, os unitaristas creem também em Hamza bin-Ali como imã oculto, o Mahdi enviado por Deus para proclamar e restaurar a religião na ausência do califa e antes do fim do mundo; e na reencarnação após a morte.

Esta última faz grande diferença, pois o druzismo não é uma religião de conversão. Não basta crer, aceitar a mensagem e praticar as doutrinas para ingressar na comunidade de fé. Só pode ser druzo aquele que nasce em família drusa, pois, segundo acreditam, o tempo de possível conversão terminou em 1043, quando se encerrou o Da'wa, período do Chamado Divino. A partir de então, os ingressantes originais reencarnam sempre como druzos. Já o casamento só é permitido entre membros da própria religião, é endogâmico e monogâmico. Assim, preservar a pureza se mostra tão importante quanto guardar e praticar os ensinamentos para os druzos.

UM MINI LÍBANO EM SP

De acordo com os registros históricos, os primeiros druzos aportaram em terras brasileiras em 1890. Aquelas famílias se fixaram em Minas Gerais, atraídas pelas regiões montanhosas, muito semelhantes às de suas cidades de origem no Líbano e na Síria. Aos poucos, começaram a seguir para o norte e para o sul. Desde o princípio, houve a preocupação com a criação de instituições que permitissem a preservação das tradições e da identidade do povo. Entretanto, o número ainda baixo de imigrantes e as migrações das famílias dificultaram muito esse processo. Mesmo diante dessas dificuldades, em 1929, foi criada a Sociedade Beneficente Druziense na cidade de Oliveira (MG), transferida mais tarde, em 1956, para a capital Belo Horizonte.

O fim daquela mesma década e o começo dos anos 1960 foram marcados pela retomada do movimento imigratório. Dessa vez, voltado para São Paulo. Mas, ao mesmo tempo em que se tornavam mais numerosos, os druzos começaram a se sentir mais sozinhos e menos amparados. Ainda que a religião fosse a base de suas vidas, aqueles que chegavam não tinham autorização para criar espaços para funções religiosas. Somados a isso, as circunstâncias que caracterizavam a imigração, as dificuldades de quem não podia contar com o auxílio de uma comunidade e as saudades da pátria mãe fizeram com que um grupo de comerciantes, da rua 25 de Março, começasse a buscar uma solução.

Seu sonho era ter um espaço para a aproximação e reunião de famílias druzas, criando um mini Líbano dentro do Brasil. As reuniões, que a princípio contavam com o pessoal das redondezas, cresceram e tornaram-se mais constantes. Visitas eram feitas em vários bairros, os



Personalidades: Princesa drusa no Monte Líbano, em 1895; Emir Fakhreddine II Ma'an (1572-1635), foi o principal emir druzo do Monte Líbano; Najla Ghoobar é autora da tese “Lar Druzo Brasileiro – O Druzismo Verde e Amarelo”, para o seu mestrado em Ciências da Religião, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

FOTOS: DIVULGAÇÃO



De geração para geração: O desafio da transmissão da fé e permanência da fé

Para os druzos brasileiros no século 21 a prática é sinônimo de tolerância e respeito à diversidade religiosa

superior, além de biblioteca, sala de visitas, sala de televisão, restaurante e espaço administrativo - para a diretoria, tesouraria e secretaria - no piso inferior.

A pedra fundamental foi lançada no dia 31 de outubro de 1982 e as obras contaram com a colaboração da comunidade druzo de todo o Brasil e do exterior. Uma vez concluído, o espaço se tornou central e fundamental para a vida da colônia. “A convivência entre os pares é o elemento que garante a sobrevivência da comunidade druzo, por isso a existência de um local, que proporcione o encontro e a vivência das tradições herdadas pelas gerações anteriores torna-se fundamental. Esse é um espaço concebido para privilegiar o convívio social, por isso não é de se estranhar que a maior parte das atividades promovidas pelo LDB não sejam de natureza religiosa, apesar de ser esse o elemento que os vincule”, aponta Najla Ghobar em sua tese.

Hoje, festividades com música e danças árabes reúnem homens e mulheres em animadas rodas de dabke e acontecem periodicamente nos dois salões de festa em que foi dividido o piso superior. Nessas ocasiões especiais celebram-se as raízes de várias famílias na Síria e, principalmente, no Líbano. Ali, o português divide espaço com a língua árabe, oferecida à comunidade na forma de cursos. Junto a reuniões com autoridades civis e de outras religiões, apresentações culturais, exposições, a exibição da bandeira druzo, o aniversário do próprio LDB e comemorações como a do Eid Al-Adha Al-mubarak - que lembra o sacrifício do profeta Abraão - reforçam a identidade da colônia. Aqueles que desejam conhecer mais sobre a fé ou precisam de aconselhamento podem conversar com o sheik Fahd Alameddine.

Como se pode perceber, muitas atividades não são apenas culturais ou religiosas, mas seguem o calendário brasileiro, como os dias dos Pais e das Mães. Ou mesmo quando todos se reúnem para

assistir aos jogos da Seleção Brasileira de futebol na Copa do Mundo, vestindo camisetas verde e amarelas. Sim, as comunidades druzas pelo mundo são bastante identificadas com as pátrias que as receberam. Assim como com outras tradições religiosas.

Para os druzos brasileiros no século 21 a prática é sinônimo de tolerância e respeito à diversidade religiosa. Explica bastante o diversificado ambiente formado pelo Lar Druzo Brasileiro em São Paulo. Atualmente a instituição conta em seus quadros com associados não apenas da capital paulista e outras cidades paulistas, mas de todo o Brasil, de Roraima ao Paraná, passando também por Minas Gerais, Espírito Santo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Brasília, Ceará, Amazonas e Pará.

Para todos eles, no mundo pós-pandemia, o grande desafio é envolver as novas gerações no exercício cotidiano dessa fé, uma vez que o druzismo, mais do que serviços religiosos, implica em obrigações morais, observando mandamentos como falar a verdade; cultivar e proteger os irmãos; extirpar os enganos e a falsidade; rejeitar o vilão e o agressor; adorar a Deus em todo o tempo e lugar; aceitar tudo que provém Dele; e submeter-se de forma espontânea à vontade divina.

“Após esse triste período pandêmico mundial, a atual gestão tem retomado a atividade cultural e social e aprimorado procedimentos administrativos, tornando nossa associação mais eficiente e resolutiva. Um grupo visionário de indivíduos, guiado pela eterna paixão pela cultura e por um compromisso com a comunidade, estabeleceu os alicerces desse Lar. Reafirmamos o mesmo compromisso, avançando com gratidão no coração, determinação na alma e a cultura como farol para construir um futuro brilhante”, declarou o atual presidente Nabil Alameddine na comemoração dos 54 anos do Lar Druzo Brasileiro. ■

encontros aconteciam a cada dez dias e as pessoas começaram a fazer contribuições de acordo com as suas possibilidades. Finalmente, no dia 10 de setembro de 1969, na residência da família El-Andere, o grupo fundou o Lar Druzo Brasileiro, aprovando seu primeiro estatuto.

“A preocupação de todos era constituir um ambiente para as famílias, proporcionar um clima de união, fortalecer os laços, preservar costumes e tradições”, contou o saudoso sócio fundador Rafic Chaar em entrevista a uma publicação do próprio LDB. Até por conta disso, ninguém se opôs a ter como primeira e provisória sede o apartamento nº 1.102 da avenida Senador Queiroz, 579, no Centro de São Paulo, onde morava o vice-presidente Chafic Abdel Khalek. Nesse endereço, reuniões e encontros continuaram a acontecer periodicamente sob a liderança de Chakib Takieddine, primeiro presidente do Lar.

Apesar da preocupação de organizar a instituição e ampliar seu quadro de associados, desde os

primeiros dias, conseguir rapidamente uma sede própria era o desejo de todos - um espaço maior que permitisse a reunião da colônia. Graças aos esforços e sacrifícios desse primeiro grupo, não demorou muito para que encontrassem e adquirissem esse espaço.

ANIMADAS RODAS DE DABKE

A sede própria causou o efeito esperado com o número de associados e frequentadores crescendo rapidamente. Repetidas vezes, o espaço se revelou pequeno e apertado diante de tanta procura. Assim, em 1974, o Lar adquiriu um terreno maior, na rua Conselheiro Moreira de Barros, 569, no Alto de Santana, para a construção de uma estrutura com mil e duzentos metros quadrados de área, “equiparando-se a outras sociedades árabes do continente brasileiro”, como contaria mais tarde uma das edições da revista “Al-Rissalah”, publicação oficial do LDB. O ousado plano incluía um grande salão de festas para mais de 600 pessoas no andar

ENTRE ASPAS

– DA SABEDORIA LIBANESA

“**Canse a língua, mas não os pés**”

“*Se um homem rico come uma cobra, as pessoas dizem: ‘Isso é sabedoria!’. Se um pobre come uma cobra, eles dizem: ‘Enlouqueceu’*”

“**NÃO LEVANTE A VOZ, FORTALEÇA SEU ARGUMENTO**”

“*Se é para se apaixonar, que seja por um príncipe. Se é para bater à porta, que seja à porta de um grande. Se é para roubar, que seja seda. Assim, se te censurarem, pelo menos será por algo grande*”

“*A mordida de uma boca amorosa vale mais do que o beijo de qualquer outra*”

“**O homem (verdadeiramente) cego é aquele cujo coração é cego**”

“**Com um bom conselho, antigamente ganhava-se um camelo; hoje, a inimizade...**”

“**A VERDADEIRA RIQUEZA É A DO CONTENTAMENTO**”

“**Dê-me inteligência e depois responsabilize-me**”

“*Quem quer ficar bêbado não fica contando os copos*”

“**QUEM PLANTA CARDOS NÃO COLHE UVAS**”

“*É melhor ter mil inimigos fora de casa do que um único dentro dela*”



CARMO COURI

Engenharia Ltda

Av. Álvares Cabral, 1345- 10º andar | Lourdes
Cep 30.170-001 | Belo Horizonte- MG

(31) 3299-3000



basha

Cozinha Libanesa & Vegetariana

O **Basha** é um restaurante onde se encontra o espírito acolhedor do povo libanês em Copacabana, Rio de Janeiro.

O **Basha** tem pratos de sabores marcantes, onde se pode sentir todo o capricho dos detalhes utilizados no preparo. Produtos de alta qualidade e conhecimento das autênticas receitas libanesas.



O **Basha** é um restaurante libanês com alma carioca, preços convidativos e o atendimento é rápido e simpático. Tudo preparado com muito carinho para você e sua família pelo chef libanês **Nicolas Habre**.



Atendemos com excelência a todos os tipos de eventos e Delivery.

Almoço, jantar, aberto até tarde.

(21) 2244-5868

contato@restaurantebasha.com.br

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 198
Copacabana, Rio de Janeiro - RJ, 22020-001